



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**NIETE VIEIRA MACIEL**

**A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: OS DESAFIOS  
INERENTES AO ENSINO E A APRENDIZAGEM DA  
ORTOGRAFIA**

**CAJAZEIRAS – PB  
2015**

NIETE VIEIRA MACIEL

A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: OS DESAFIOS INERENTES AO  
ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA

Monografia apresentada ao curso de  
Pedagogia do Centro de formação de  
Professores da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial  
para obtenção do grau de licenciada em  
Pedagogia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Gerlaine Belchior Amaral

CAJAZEIRAS – PB  
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

M152e Maciel, Niete Vieira

A escrita no ensino fundamental: os desafios inerentes ao ensino e a aprendizagem da ortografia. / Niete Vieira Maciel. Cajazeiras, 2015.

64f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Maria Gerlaine Belchior Amaral.  
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Ortografia- estudo e ensino. 2. Escrita- ensino fundamental.  
3. Língua Portuguesa. 4. Aprendizagem- escrita. 5. Prática de ensino-ortografia- ensino fundamental. I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior.  
II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU -81'35

**NIETE VIEIRA MACIEL**

**A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: OS DESAFIOS INERENTES AO  
ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ORTOGRAFIA**

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

Dr.<sup>a</sup> Maria Gerlaine Belchior Amaral  
Orientadora /UFCG-CFP-UAE

---

Ms. Belijane Marques Feitosa  
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

---

Dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Campos  
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

---

Dr.<sup>a</sup> Elzanir dos Santos  
Suplente /UFCG-CFP-UAE

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ele ter me dado forças para não desistir em meio às dificuldades que surgiram ao longo do caminho. Sem Ele, tenho a plena convicção de que hoje não estaria desfrutando a alegria de ver suas promessas se cumprirem.

Agradeço também a todo corpo docente desta universidade que contribuiu com a minha formação acadêmica.

Agradeço a orientadora deste trabalho Professora Gerlaine Belchior, pelo suporte na sua elaboração.

Agradeço aos meus pais pelo apoio e incentivo, os quais não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

Enfim, agradeço ao meu noivo, amigos e todos aqueles que contribuíram de forma direta e indireta com a minha formação acadêmica.

Muito obrigada!

Ler não é decifrar, escrever não é copiar.

(Emilia Ferreiro)

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a escrita, de modo particular a ortografia. Dados contidos no Anuário da Educação Básica mostram que a porcentagem de alunos que aprendem o que é esperado em cada série tem diminuído nos últimos anos. No que concerne à Língua Portuguesa, menos de 30% dos alunos dominam os conteúdos esperados para essa disciplina. O objetivo geral desta pesquisa é analisar os desafios que perpassam o ensino e a aprendizagem da ortografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Os objetivos específicos são: Identificar os desafios do professor em trabalhar a ortografia em sala de aula; investigar como se dá a aprendizagem da ortografia no ensino fundamental; conhecer as dificuldades encontradas pelas crianças na grafia correta das palavras, e por fim, Identificar os avanços dos discentes na aquisição da língua escrita por meio de práticas reflexivas. Os procedimentos metodológicos adotados foram: No primeiro momento a realização da pesquisa bibliográfica em materiais impressos e na internet. Além da pesquisa bibliográfica, neste estudo realizou-se também uma pesquisa do tipo participante que se define pelo envolvimento do pesquisador com os sujeitos da pesquisa na tentativa de superar problemas, conhecendo prováveis soluções. Quanto ao *locus* de pesquisa, foi uma escola pública estadual na cidade de Sousa- PB. Os sujeitos da pesquisa foram seis alunos e uma professora da 3ª série do ensino fundamental I. A pesquisa foi realizada entre os dias vinte e três de março a vinte de abril do ano de dois mil e quinze. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semiestruturada com uma professora e pela análise dos materiais escritos produzidos pelos seis alunos. Optou-se pela abordagem qualitativa. O estudo nos permitiu entender que o ensino da ortografia exige que os encaminhamentos didáticos sejam conscientes, adequados, escolhidos conforme o propósito pretendido, caso contrário os resultados serão ineficazes. Através da pesquisa participante/atividades realizadas com os alunos constatou-se que aprender ortografia é possível. O estudo realizado mostrou que a mediação pedagógica é um fator determinante para que a aprendizagem seja concretizada na criança. Porém não basta escolher bem a metodologia, é na exploração pedagógica feita pelo professor que se dá a aprendizagem. Se a mediação for feita de qualquer forma a aprendizagem tampouco será consolidada.

**Palavras-chave:** Escrita. Ortografia. Ensino. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This work is the writing subject matter, particularly spelling. Data contained in the directory of Basic Education show that the percentage of pupils learning what is expected at each grade has declined in recent years. Regarding the Portuguese, less than 30% of the content expected to dominate this discipline. The overall objective of this research is to analyze the challenges that underlie the teaching and learning of spelling in the early years of elementary school. The specific objectives are: Identify the challenges of the teacher to work spelling in the classroom; investigate how the learning of spelling in elementary school; know the difficulties encountered by children in the correct spelling of words, and finally identify the achievements of students in the acquisition of written language through reflective practices. The methodological procedures adopted were: At first the realization of literature in printed materials and on the Internet. In addition to the literature, this study also held a participating type of research that is defined by the involvement of the researcher with the research subjects in an attempt to overcome problems, knowing probable solutions. As for the research locus, it was a state school in the city of Sousa- PB. The subjects were six students and a teacher of the 3rd grade of elementary school I. The survey was held between March 23 to April 20 of the year two thousand fifteen. The data collection was carried out through a semi-structured interview with a teacher and the analysis of written materials produced by six students. We opted for the qualitative approach. The study allowed us to understand that the teaching of spelling requires educational referrals are aware, adequate, chosen according to the intended purpose, otherwise the results will be ineffective. Through participatory research / activities with the students was found to learn spelling is possible. The study showed that the mediation is a determining factor for learning to be effected in the child. But not just choose well the methodology, it is the pedagogical exploitation by the teacher that gives learning. If mediation is made in any way nor learning is consolidated.

Keywords: Writing. Spelling. Education. Learning

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA GRAFIA CORRETA .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>ENSINO DA ORTOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Práticas pedagógicas inerentes ao ensino da ortografia .....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>RELATO DA PESQUISA: REGISTRO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>35</b>
<b>5.1</b>	<b>Entrevista com o professor .....</b>	<b>35</b>
<b>5.2</b>	<b>Relato da pesquisa participante.....</b>	<b>39</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>58</b>
	<b>CONTRIBUIÇÕES AOS DOCENTES PARA O ENSINO DA ORTOGRAFIA.....</b>	<b>62</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita é um dos instrumentos fundamentais para o sistema educativo, bem como a leitura. Considerada uma convenção social, a escrita é vista por muitos como uma imposição inútil, entretanto, é fundamental estabelecer um padrão para melhor comunicação. A escola é uma das maiores responsáveis para transmitir esse conhecimento para o educando, porém não é a única.

Dados contidos no Anuário da Educação Básica (2012) mostram que a porcentagem de alunos que aprendem o que é esperado em cada série tem diminuído nos últimos anos. No que concerne à Língua Portuguesa, menos de 30% dos alunos dominam os conteúdos esperados para essa disciplina. Com relação à leitura apenas 51 em cada 100 crianças aprenderam o adequado na rede pública de ensino. Portanto, percebe-se por meio desses resultados o reflexo da educação brasileira que demonstra o quanto necessário é avançar nesses aspectos da aprendizagem e que, de forma direta, influenciam na aquisição da língua escrita.

A falta de intencionalidade nas práticas de ensino desenvolvidas pelos professores, bem como a ausência de uma formação específica que ajude a desenvolver um trabalho sistemático, são fatores que prejudicam na apropriação dos saberes relacionado à norma ortográfica. As cobranças feitas pela escola são muitas, entretanto, oferecem poucas oportunidades para que os discentes desenvolvam suas potencialidades. Diante dessa realidade, os professores necessitam encontrar caminhos que supram as dificuldades dos aprendizes durante a trajetória escolar.

Este trabalho foi norteado pelo seguinte questionamento: Como a escola tem trabalhado o ensino e aprendizagem da ortografia nos anos iniciais do ensino fundamental? Essa é uma tarefa árdua para professores, pois ensinar ortografia requer esforço, dedicação e acima de tudo embasamento teórico para desenvolver um trabalho que ajude a criança aprender de fato ortografia, porém, nem todos os professores estão dispostos a realizar uma inovação pedagógica. Alguns docentes até se esforçam em ensinar ortografia em sala de aula, mas não conseguem desenvolver uma prática correta pela falta de fundamentação teórica que norteie seu trabalho.

Este trabalho tem por objetivo geral Analisar os desafios que perpassam o ensino e a aprendizagem da ortografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Como objetivos específicos temos os seguintes: Identificar os desafios do professor em trabalhar a ortografia em sala de aula; investigar como se dá a aprendizagem da ortografia no ensino fundamental; conhecer as dificuldades encontradas pelas crianças na grafia correta das palavras, e por fim, Identificar os avanços dos discentes na aquisição da língua escrita por meio de práticas reflexivas.

Justificamos a realização desse estudo a partir da realidade existencial de alunos que terminam o ensino fundamental e médio com grandes deficiências na escrita, resultados de um ensino mal direcionado. Diante de uma sociedade competitiva e preconceituosa, aqueles que não dispõem desses saberes são excluídos e tem menos oportunidades no mercado de trabalho, principalmente os que desejam ingressar numa carreira profissional que requer o domínio da língua escrita.

Durante a minha trajetória escolar o ensino realizado pelos professores apresentava grande carência, em poucas palavras, um ensino totalmente tradicionalista. Não tinha como base a reflexão, nem ao menos tinha conhecimento de muitas regras ortográficas que poderiam ter ajudado no processo da aquisição da norma ortográfica. Isso teve consequências nas atividades que realizei enquanto graduanda do curso de Pedagogia, inclusive na construção deste trabalho. No trabalho com alunos da EJA percebi uma carência muito grande no desempenho ortográfico deles e eu enquanto professora não sabia lidar com os erros dos alunos. Tendo já passado por essas experiências, quando cursei a disciplina fundamentos e metodologia do ensino de língua portuguesa, despertou-me o interesse por esse assunto.

Quanto ao percurso metodológico esse se deu da seguinte forma: No primeiro momento realizamos uma pesquisa bibliográfica. No segundo momento fizemos consultas em sites. Posteriormente nos dirigimos ao *locus* da pesquisa que foi numa escola pública estadual na cidade de Sousa- PB. Os sujeitos da pesquisa foram seis alunos e uma professora da 3ª série do ensino fundamental I. Desenvolvemos uma pesquisa do tipo participante e

uma entrevista semiestruturada. Realizamos a coleta de dados. Como abordagem, utilizamos a abordagem qualitativa.

Esta pesquisa se propõe a contribuir na formação de professores e alunos no tocante a um conhecimento melhor sobre a ortografia, promovendo-lhes um ensino e aprendizado mais qualificado.

Quanto à estrutura do trabalho, este é dividido em quatro partes, a saber: Segundo capítulo: Relatamos algumas dificuldades dos discentes na escrita correta das palavras, considerado as dificuldades que são absolutamente normais durante as etapas dos níveis de aprendizagem, assim como, as que são originadas por falta de um ensino reflexivo e mal direcionado.

Terceiro capítulo: Refletimos sobre as práticas de ensino tradicionais que as escolas ainda utilizam e que pouco tem ajudado na apropriação do conhecimento ortográfico, bem como, novas perspectivas de ensino inerentes ao ensino da ortografia.

Registro de relato e análise de pesquisa. Neste capítulo descrevemos a pesquisa do tipo participante realizada com seis alunos de uma escola pública estadual, bem como uma entrevista semiestruturada com uma professora.

Nas considerações conclusivas, expomos os principais resultados desta pesquisa.

## 2 A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA GRAFIA CORRETA

A escrita é apreendida pela criança desde a fase em que esta tem seu primeiro contato com o desenho. Estas “são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido [...]” (FERREIRO, 2011, p.25).

A língua escrita é um processo que evolui no decorrer da alfabetização, mas também varia de acordo com o ritmo de cada indivíduo, pois sabemos que existe uma pluralidade de formas de apreensão, ou seja, algumas pessoas aprendem com mais dificuldade e outras menos, e isso independe da idade.

Quando os indivíduos compreendem a função da escrita, outras etapas vão surgindo para se chegar ao nível mais complexo, sendo este um processo que evolui gradativamente. Durante esse processo a criança passa por quatro níveis de apropriação que foi denominado por Emilia Ferreiro de “psicogênese da língua escrita”.

O primeiro **nível é chamado de pré-silábico**, nesta fase a criança já compreende para que serve a escrita, conseguindo também diferenciar do desenho. No entanto, o aluno ainda não compreende o elo entre escrita e som. Ao escrever faz uso de letras, números, rabiscos e desenhos. A criança consegue fazer relação de objetos ou seres com a escrita dos mesmos, entretanto usaria muitas e poucas letras. Por exemplo: na palavra “cavalo” a criança usaria um grande número de letras para escrevê-la, pois o fato do cavalo ser um animal grande caracteriza a variedade de caracteres. O mesmo entendimento ocorre quando se trata de um objeto pequeno, usando poucas letras para escrever. Vale salientar que somente a criança entenderia o que significa essa escrita.

Do nível pré-silábico, a criança evolui para o **nível silábico** a qual “[...] o sujeito estabelece uma relação entre os aspectos gráficos e sonoros das palavras, tentando atribuir um valor sonoro a cada uma das letras” (SOUZA; SILVA 1994 apud DIAS, 2001, p.58). A criança faz uso de uma letra para escrever uma sílaba. Como exemplo da palavra “cavalo”, a criança estando nesse nível escreveria “cvl”. Contudo, o aprendiz percebe ainda nessa fase que

sua escrita e a de outras pessoas possuem diferenças e a partir daí, tentam ajustar.

No **nível silábico-alfabético** o indivíduo escreve uma letra para cada som, sendo que, na maioria das vezes, escrevem palavras com sílabas completas outras não. Como vemos parece que a criança vive uma contradição, mas trata-se apenas da passagem do nível silábico para o silábico alfabético. Diante deste fato, é comum alguns professores dizerem muitas vezes que o aluno está “engolindo letras”. Tal afirmação é errônea, pois o aluno está “acrescentando letras à palavra formada.” (DIAS, 2001, p. 60). Na palavra “cavalo”, por exemplo, a criança escreveria “cavlo”. Ressaltando-se que no nível anterior ela a escreveria apenas com três letras.

No último nível chamado de **nível alfabético**, “o sujeito já domina a relação letra-sílaba-som e as regularidades da língua (escrever os mesmos sons com as mesmas letras)” (DIAS, 2001, p. 60). A criança já compreende que a cada som que se pronuncia pode fazer uso de uma ou mais letras. Os aprendizes que estão nesse nível não teriam nenhum problema na escrita da palavra “cavalo”.

Podemos perceber através desses estágios que o aprendizado da escrita nos sujeitos é um processo, sendo relevante que o professor reconheça o nível de desenvolvimento da criança para a partir disso ajudá-la a evoluir ao próximo nível, pois é comum encontrarmos nas escolas crianças em séries avançada cujos níveis de evolução da língua escrita ainda não foram superados. Daí surgem as dificuldades para conceber também a norma ortográfica.

Desde o primeiro nível do processo da aquisição da escrita as dificuldades já começam a surgir. A relação significante/significado é um dos primeiros desafios a ser vencido pelas crianças. Acreditando existir semelhança entre ambos, representam na escrita características quantitativas do objeto referido. Porém, não são representados os sons das palavras, mas acabam fazendo de conta que escrevem utilizando muitas ou poucas palavras de acordo com o objeto tratado. Temos como exemplo a palavra trem, que para a criança que está nessa fase usaria muitas letras pelo fato de ser um

objeto grande. No caso da palavra “formiga” usaria poucas letras por ser um significante pequeno.

Essa é uma das primeiras dificuldades que as crianças enfrentam e que posteriormente acabam descobrindo que a escrita é algo independente de seus significados. Cabe registrar que essa dificuldade na fase inicial da escrita é um processo absolutamente natural inerente à aquisição do código escrito. Passada as etapas da Psicogênese a criança entra no nível ortográfico.

Das dificuldades mais frequentes que são apresentadas pelas crianças que já estão no nível ortográfico é a convenção letra-som. De acordo com Mapurunga, (2009, p.144) “a relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicada pelo fato da escrita não ser o espelho da fala e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras”. Podemos perceber que na escrita ortográfica usamos duas letras para representar um som, como no caso dos dígrafos, e também escrevemos letras que não tem som algum no caso do (H), e isso acaba tornando-se para a criança que ainda não tem domínio da questão letra-som, algo muito complexo, que somente através da mediação pedagógica pode superar essa fase. Quanto mais tarde à criança se apropriar da relação letra-som, mais tarde se apropriará da norma ortográfica.

Outros fatores que originam dificuldades na hora de escrever são as questões regulares e irregulares da norma ortográfica. É natural encontramos nas salas de aulas esse tipo adversidade, entretanto poderiam ser evitadas se houvesse um ensino adequado, no qual se utilizassem metodologias adequadas para ambas às situações. A maioria dos docentes desconhece a reflexão e memorização como algo imprescindível na construção do saber sistematizado no que se refere ao ensino e aprendizagem da ortografia.

As dificuldades que correspondem às regularidades da ortografia podem ser superadas através da aprendizagem de regras que norteiam a escrita correta. Os educadores devem estimular a reflexão para que os educandos compreendam, e assim, escrevam com segurança, mesmo aquelas palavras que nunca tenham visto antes. Visto que a decoreba é algo supérfluo, é importante evitarmos esse método na aprendizagem das regras, uma vez que esqueceriam rapidamente. Conscientizá-los sobre a reflexão das regras, ajuda significativamente na aprendizagem da escrita.

As dificuldades que estão relacionadas aos casos de irregularidades, só podem ser solucionadas por meio da memorização, pois não existe nenhuma regra que norteie a escrita que correspondam a esses casos, então, os professores devem conscientizar os alunos a respeito disso.

Os professores devem permitir que as crianças se familiarizem com palavras que estão incluídas nos casos de irregularidades, quanto menos contato tiver com essas, mais dificuldades terão escrevê-las. Por isso o contato diário com dicionários, leitura de materiais impressos, pesquisas no computador, etc., podem ajudar bastante os alunos.

Nesse sentido, “é necessário organizar o ensino de modo a tratar separadamente os casos regulares e irregulares da norma ortográfica” (SILVA; MORAIS; MELO, 2007, p. 66), pois ambos os casos exigem estratégias distintas. Não se podem trabalhar os casos de regularidades e irregularidades do mesmo modo, visto que uma necessita de reflexão e a outra de memorização, cada uma dessas se direcionam distintamente. É por esse motivo que elas devem ser trabalhadas em momentos distintos. Quando trabalhamos a ortografia por esse caminho a probabilidade de vencer os desafios e as dificuldades que a norma ortográfica apresenta é bem mais eficaz.

É pertinente a atenção do professor para com os erros ortográficos dos alunos, pois dando esta atenção o docente pode identificar o tipo de dificuldade que o educando apresenta. Além disso, é preciso que ele tenha conhecimento da organização da norma ortográfica para que lhe dê condições de elaborar um ensino sistemático que ajude aos educandos a superarem as dificuldades. Desse modo, o professor saberia o que o aluno precisa compreender e o que precisa memorizar.

A superação das dificuldades que são encontradas nas etapas de cada nível de aprendizagem é imprescindível, pois o acúmulo dessas prejudica muito a criança. Se pesquisarmos o desempenho ortográfico de alunos em salas de aula de ensino médio, por exemplo, encontraremos muitos estudantes com severas dificuldades, justamente porque nos anos anteriores não dominaram bem a norma ortográfica.

Essa ocorrência afeta a maioria das salas de aula, muitos professores ignoram alunos que não tem domínio eficaz quanto à escrita ortográfica, avançam no ensino, ensinando/informando conteúdos e mais conteúdos aos discentes sem ao menos, esses, terem compreendido o que foi estudado anteriormente. Agindo de tal forma, os maiores prejudicados são os alunos, principalmente os que estão matriculados nas escolas públicas, que na maioria das vezes as salas são superlotadas e os alunos não conta com reforço escolar.

Analisando informações obtidas no site do INEP com relação ao IDEB das escolas públicas e privadas no ano de 2013 no Brasil, constatamos o baixo rendimento da rede pública quando comparada à rede privada. Em uma amostra dos anos iniciais do ensino fundamental, a rede privada atingiu 6,7 enquanto que a rede pública atingiu 4,9. Apesar de nesse mesmo ano as redes privadas do Brasil não atingirem as metas projetadas para o IDEP, entretanto o ensino oferecido pela rede privada continua a frente do que é oferecido pela rede pública, o que nos leva a refletir que no ensino privado existe recursos e métodos adequados que ajudam alcançar seus propósitos.

Acreditamos que a influências da família é também um fator relevante que colabora com a melhoria da aprendizagem dos estudantes, no entanto percebemos que na rede pública de ensino, há pouca atuação dos pais na vida estudantil dos filhos. A falta de assistência e acompanhamento dos pais contribui para que o ensino se realize de qualquer jeito.

As consequências são bem óbvias no nosso cotidiano, alunos escolarizados que escrevem mal, que não dominam as regras da norma ortográfica, que desconhecem a escrita de palavras, até mesmo aquelas que utilizamos no cotidiano e alunos que não conseguem escrever um bom texto. Exemplificamos isso com um fato ocorrido no ano de 2014 na qual mais de 500 mil brasileiros zeraram a redação do ENEM. Acreditamos que isso é decorrência de um ensino que “mascara” as dificuldades, que não se compromete em promover o aprendizado, professores que estão convictos que estão oferecendo um ensino de qualidade e alunos que acreditam que estão aprendendo. A falta de conhecimento teórico é um dos fatores que faz com que

a maioria dos educadores banalizem a escrita, e de modo particular, não saiba como desenvolver a competência ortográfica dos educandos.

Contudo, é relevante ressaltar mais uma vez que se a cada etapa que o aluno tiver dificuldades para superar for deixada para trás, passando assim para a etapa seguinte é bem provável que este tenha grandes prejuízos, com um desempenho ortográfico precário que lhe será caro quando fizer provas de ingresso à universidade, onde experimentará o peso que acarreta a deficiência ortográfica, em provas de concurso, mestrado e até mesmo doutorado, pois como bem sabemos, estas são atividades que exigem um bom desempenho ortográfico. Dessa forma, as melhores oportunidades são proporcionadas àqueles que têm um grau de qualificação mais elevado, traduzido em parte, por uma escrita conforme a norma culta estabelecida socialmente.

### **3 ENSINO DA ORTOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS**

A princípio, quando ainda não havia indícios de escrita na sociedade, na tentativa de compreender o mundo em que viviam, os homens “[...] foram criando símbolos e, posteriormente, signos para poderem estabelecer contatos, trocar experiências, criar uma identidade própria na relação com outros seres humanos.” (DIAS, 2001, p. 52). Esses símbolos de início eram registrados por pinturas nas cavernas, logo depois foram ganhando formas até chegarem à criação do alfabeto.

Dessa forma, podemos dizer que “a invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação” (FERREIRO, 1995, p.12). Por meio desse sistema de representação alfabética podemos expressar à linguagem e as unidades sonoras.

Na sociedade contemporânea a linguagem oral das pessoas tornou-se bastante variada, pois, “indivíduos de diferentes regiões, pertencentes a diferentes grupos sócio-culturais, ou nascidos em diferentes épocas, pronunciam as mesmas palavras de forma diferente” (MORAIS, 2008, p.18). Assim sendo, foi constituída uma norma ortográfica em um padrão estável para unificar a diversidade de dialetos, simplificando a comunicação.

Embora tenha se constituído um paradigma ortográfico, este é considerado uma convenção social, isto é, um acordo que com o passar do tempo sofre ajuste. Por consequência, muitas críticas são efetuadas sobre a norma ortográfica, vendo-a como uma imposição inútil, já que as regras que hoje utilizamos com o passar tempo podem sofrer alterações. Silva, Morais e Melo (2007, p. 13) relata que “as grafias usadas e tidas como certas há menos de cem anos eram outras, sendo hoje consideradas inaceitáveis”. Nesse sentido, ratificamos que a norma ortográfica não é algo pronto e acabado, mas que está sempre se modificando, se ajustando.

Desse modo, Silva, Morais e Melo (2007, p. 14) advertem que,

Tudo em ortografia precisa ser visto conseqüentemente como fruto de uma convenção arbitrada/negociada ao longo da história. Mesmo a separação das palavras no texto, com espaços em branco, é uma invenção recente, bem como o emprego sistemático de sinais de pontuação. Até o século XVIII, quando predominava a leitura em voz alta, muitos textos eram notados com palavras “pegadas”. Como também tinham poucos sinais de pontuação, cabia ao leitor, ao “preparar” sua leitura, definir, como iria segmentar o texto.

Em vista disso, nos parece inútil aprendermos algo que passa por constantes transformações. Porém, embora isso ocorra, esse fato não faz da norma ortográfica uma imposição inútil, visto que essa tem a “finalidade de ajudar a comunicação escrita” (MORAIS, 2008, p. 18). Se não respeitássemos as regras fixas, “se fôssemos transcrever fielmente os fonemas pronunciados, teríamos, ao final, grafias diferentes”. (SILVA, MORAIS; MELO 2007, p. 15). Os leitores acabariam tendo um grande trabalho para interpretar à escrita pelo fato de que as pessoas pronunciam palavras de diferentes formas, como por exemplo, no caso da palavra “TIO”. Um carioca escreveria “TCHIÔ”, já no caso do pernambucano escreveria “TIU”. Assim, percebemos por meio desse exemplo que a grafia das palavras seriam registradas distintamente se escrevêssemos fielmente tal qual pronunciamos, pois cada individuo escreveria conforme o seu jeito de falar.

Entretanto, não podemos desconsiderar o Português popular, a variedade da língua não padrão, uma vez que o Brasil é um País de diversidades linguística. Por isso, temos que respeitar e acolher essa variedade que tem sido causa de muito preconceito, pois a língua não-padrão é vista por

muitos como uma língua feia, pobre, errada e engraçada, principalmente quando se trata das regiões mais pobres.

Aceitar a língua padrão como única e certa estimularia ainda mais o preconceito, porém é pertinente estabelecer uma norma para não se distanciar tanto os falantes das diferentes regiões. O novo acordo ortográfico, por exemplo, que vigorou desde 2009, a qual se tornará obrigatório em 2016, veio justamente para isso, “vem para unificar a ortografia oficial dos países de língua portuguesa e aproximar nações” (SGARIONI, 2008, p. 1). Essa unificação facilita a comunicação escrita entre os países que falam a língua portuguesa, evitando problemas na redação de documentos internacionais, ganha mais espaço e força internacional, além de romper com as rivalidades que surgem ao considerar o português de tal lugar melhor e mais bonito.

A escola deve trabalhar essa questão da aceitação das variações linguísticas, mas também deve continuar a desempenhar seu papel de ensinar a norma padrão. A escola é o lugar privilegiado para ocorrer às aprendizagens da língua escrita, entretanto, não é exclusividade desta. As instituições de ensino tem tornado-se guardiãs desse objeto de aprendizagem, tomando para si toda responsabilidade, contudo, é necessário que saibamos que a escrita é também um objeto social na qual a família e a sociedade têm um papel importante.

Além disso, não se pode esquecer que a responsabilidade no ensino da língua escrita dentro das instituições de ensino não é responsabilidade somente do professor de língua portuguesa. É função dos demais docentes contribuir a partir de sua área de ensino, com a formação do sujeito letrado. Infelizmente esse discurso não é posto em prática pela maioria, pois cada profissional responsabiliza-se somente ao que diz respeito a sua disciplina.

Os profissionais da educação fazem imensas cobranças ao aluno, exigem dos estudantes a produção fiel da escrita ortográfica, entretanto, não apresentam um ensino significativo e sistemático, que permita que o desempenho ortográfico se torne possível.

A aprendizagem desse saber pode ser concebida tanto como um código de transcrição, quanto um sistema de representação. Se a compreendermos,

Como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual (FERREIRO, 1995, p.16).

Partindo da perspectiva de se conceber a aprendizagem da língua escrita como um sistema de representação, a criança passa a ter uma apropriação mais consistente e significativa. Essa apropriação se dá por meio da construção pessoal, uma construção que compreende o desenvolvimento do objeto (a ortografia) de aprendizagem. Para isso, o professor deve oportunizar aos alunos experiências desafiadoras que os levem a uma aprendizagem reflexiva.

Infelizmente a escrita é vista no âmbito escolar por muitos profissionais como código de transcrição, cujo ensino é ausente de qualquer intenção reflexiva e que pouco ajuda às crianças na apropriação do conhecimento. De acordo com Morais (2008, p. 53) “nos últimos anos o ensino de ortografia não evoluiu, quando comparado a outros aspectos do ensino da língua portuguesa”, ou seja, a escola atual ainda reproduz os mesmos métodos de ensino utilizados em tempos longínquos. Persiste o tradicionalismo na ação pedagógica dos professores, cujo conhecimento ortográfico é adquirido por meio da memorização de regras e verificação dos erros e acertos dos alunos.

Ferreiro (2011, p. 22) confirma isso quando diz que: “o ensino neste domínio continua apegado às práticas mais envelhecidas da escola tradicional, aquelas que supõem que só se aprende algo através da repetição, da memorização, da cópia reiterada de modelos, da mecanização”. Nesse sentido, a ortografia é visualizada mais como um objeto de avaliação do que de ensino, pois os professores estão mais preocupados em verificar se os alunos erraram ou acertaram sem haver qualquer intenção de conscientizá-los sobre a norma ortográfica.

A escola não tem nem a preocupação de projetar metas de ensino aprendizagem que desejam alcançar no conhecimento ortográfico dos sujeitos, o que nos leva a inferir o descaso da escola para com o ensino da ortografia.

Os PCNs revelam que,

O ensino da ortografia dá-se por meio da apresentação e repetição verbal de regras, com sentido de “fórmulas”, e da correção que o professor faz de redações e ditados, seguida de uma tarefa onde o

aluno copia várias vezes as palavras que escreveu errado". (BRASIL, 1997, p. 57).

Até mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais admitem a falha das escolas no que se refere ao ensino da ortografia, reforçando que essa aprendizagem é motivada através da decoreba de regras, cujos professores se limitam a verificar somente os erros e acertos dos alunos, sem haver qualquer intenção reflexiva. Certamente não possui formação adequada para fazer diferente.

Analisando algumas atividades desenvolvidas ainda pelos professores para a aprendizagem do conhecimento ortográfico, notamos como as tendências tradicionais se fazem presente nos contextos educacionais.

A atividade preferida dos professores para trabalhar a ortografia é o ditado. Durante o procedimento os professores ditam textos, frases ou listas de palavras para os aprendizes grafarem, posteriormente registra no quadro a escrita correta e pedem que confirmem o que erraram. Os educadores ainda pedem que os discentes reescrevam algumas vezes as palavras que obtiveram erro ortográfico como punição por não terem acertado a grafia correta. Em síntese, o propósito dessa atividade consiste somente na verificação dos erros e acertos, sem qualquer intencionalidade de uma aprendizagem reflexiva. Todavia, o ditado em si não é ruim, mas a forma como o professor conduz.

A cópia é outro recurso ainda utilizado por professores. Esta [...] ocupa um lugar de destaque na prática dos alfabetizadores, mas na maioria dos casos é usada para fins que não contribuem para a aprendizagem e o avanço das crianças (PAULINA 2010 *apud* UJIE, p. 1). Isso porque essa prática deixa os estudantes numa postura passiva, os alunos são obrigados a copiar textos, frases, palavras por horas sem ao menos se deterem no que estão escrevendo. Em sua maioria esse recurso é utilizado com o propósito de preencher o tempo, punir as crianças e coibir conversas, sem haver qualquer finalidade didática. Portanto, para os alunos, essa atividade tem sido bastante cansativa, ocasionando apatia e preguiça na hora de realizá-la.

Os treinos ortográficos utilizados pelos professores em sala de aula também merecem atenção quanto à maneira que aparecem muitas vezes no livro didático, pois,

[...] nessas “tarefinhas” o trabalho cognitivo proposto ao aluno é muito pobre. Ele é solicitado a preencher lacunas com alternativas que já lhe foram dadas [...]. Em alguns casos, pode acertar, responder corretamente, sem ter que pensar, porque certas estratégias supostamente “atrativas” ou “motivadoras” permitem inclusive que ele resolva o problema sem ler as palavras em questão [...] (MORAIS, 2008, p.54)

Esse tipo atividade não contribui para que os aprendizes reflitam sobre a forma correta das palavras. Na verdade, esses exercícios encontrados em muitos livros didáticos encaminham os alunos a assumirem uma postura mecânica, cuja aprendizagem se dá apenas através da repetição. A intenção, então, de alguns treinos ortográficos é apenas verificar os erros e acertos, sem que o aluno tenha que pensar e refletir sobre a escrita.

A recitação e memorização de regras também são bastante comuns no contexto escolar. O aluno é levado a reproduzir fielmente essas regras que lhes são impostas. Alguns educandos até reproduzem-nas com eficácia, no entanto, não é garantia de um aprendizado produtivo e consciente. Se o aluno não internaliza a regra, logo será esquecida.

A nosso ver, essa é uma perspectiva que não impulsiona a aprendizagem da criança, visto que os alunos continuam escrevendo errado. Direcionar o ensino numa perspectiva metodológica correta, não é fácil e tampouco cômodo. Talvez seja por isso que muitos docentes preferam se acomodar e utilizar as práticas mais comuns.

### **3.1 Práticas pedagógicas inerentes ao ensino da ortografia**

A prática pedagógica é algo fundamental para o aprendizado da criança. Por meio dela podemos facilitar a apropriação do conhecimento. Isso depende muito da forma como o professor realiza a mediação pedagógica, pois, feita de qualquer jeito é bem provável que a criança não internalize o aprendizado. Nessa perspectiva, é fundamental que os profissionais da educação tenham competência pedagógica para ter condições de desenvolver uma prática adequada, coerente e intencional que torne o aluno capaz de construir o conhecimento.

Na aquisição do conhecimento ortográfico as práticas de ensino utilizadas tem dificultado essa apropriação, pois os professores continuam adotando as metodologias de ensino arcaicas que levam os alunos a somente reproduzirem atividades sem ao menos ter que refletir sobre aquilo que estão produzindo. Entretanto, não estamos aconselhando a aniquilação de todas as atividades tradicionais da sala de aula, mas a forma como é conduzida pelo professor. O desafio consiste em dar um novo significado a essas e outras atividades que são desenvolvidas, de forma que haja intencionalidade, bem como a conscientização do aluno acerca do conhecimento ortográfico. A reflexão é imprescindível.

Dessa forma, diante da postura negligente do professor para com o ensino da ortografia, faremos algumas reflexões sobre as estratégias de ensino que podem ajudar a formar estudantes que escrevem de acordo com a norma padrão.

Antes de darmos início a essas reflexões é importante destacar que, o “ensino sistemático da ortografia só cabe quando as crianças já tiverem compreendendo o sistema de escrita alfabética, isto é, quando aprenderem o valor sonoro das letras e já puderem ler e escrever sozinhas” (MORAIS, 2008, p. 68). Somente quando a criança tem essa apropriação, torna-se possível o aprendizado da ortografia. Infelizmente alguns educadores dão início a este ensino antes mesmo dos alunos terem apreendido o sistema de escrita alfabética, porque necessitam cumprir o cronograma do currículo escolar e não porque as crianças estão preparadas para internalizar o conhecimento ortográfico. Como consequência disso, são formados alunos que apresentam grandes dificuldades na escrita, que mesmo estando numa série avançada não dominam a norma estabelecida.

É corriqueiro observar que muitos professores veem com despreço o aluno que escreve mal, porém, não percebem que o desempenho ortográfico ruim desse aluno, às vezes, é resultado do acúmulo das dificuldades que foram ignoradas pelos próprios docentes. Se almejarmos alunos com bom rendimento ortográfico, é relevante que os profissionais da educação estejam atentos a isso. Assim, inferimos a importância de superar todas as etapas da aprendizagem.

É pertinente também que o educador oriente os alunos sobre a questão da evolução da escrita, visto que esse é um aprendizado contínuo, que devemos nos apropriar, pois, aqueles que não adquirem esse conhecimento são discriminados e tem menos oportunidades na sociedade. Além disso, estando informados sobre isso, podem adotar a postura de eternos aprendizes.

Nesse sentido, a aprendizagem da ortografia é um processo de construção que é conquistado por meio de práticas reflexivas, que permitam desenvolver a compreensão da criança sobre as questões ortográficas. É fundamental que os professores tenham uma postura reflexiva em sala de aula, visando criar e possibilitar condições ao aluno de saber fazer e não somente repetir.

Uma primeira recomendação para dar início no trabalho com a ortografia é o diagnóstico do conhecimento ortográfico, isto é, uma espécie de sondagem inicial, cuja, finalidade é detectar as principais dificuldades dos estudantes e de acordo com as necessidades de aprendizagem, organizar intervenções adequadas. Dessa forma, o diagnóstico funcionará como instrumento para o planejamento do ensino da ortografia.

Infelizmente, poucos profissionais sabem como esse instrumento é significativo para a atuação pedagógica, pois,

Concebemos que, tal como outras questões em didática, a elaboração de instrumentos diagnósticos e seu uso para planejar as atividades do dia-a-dia com os alunos são competências que, como docentes, desenvolvemos à medida que temos oportunidades para fazer e refletir sobre nossa atuação (MORAIS, 2007. p. 47).

Trabalhando nessa perspectiva o professor saberá aonde almeja chegar e com isso norteia uma prática pedagógica intencional e coerente. Além disso, permite que o docente acompanhe o desempenho ortográfico dos estudantes, bem como sistematizar o que eles já sabem e o que ainda necessitam aprender.

Para a realização do diagnóstico sugerimos como instrumento, produções de textos ou ditados de palavras. No que se refere aos textos, podem ser espontâneos de própria autoria, nesse procedimento os alunos são solicitados a transcrever com suas palavras, textos conhecidos, como por

exemplo, uma fábula ou um conto, mas para isso é necessário que o docente tenha trabalhado a história e o tema que retrata. No ditado elabora-se uma lista de palavras incluindo todas as correspondências fonográficas que deseja analisar no desempenho dos alunos.

Após o diagnóstico se procede à etapa de interpretação e avaliação dos desvios ortográficos efetuados pelos estudantes. Identificar as palavras que obtiveram erro é o primeiro passo, posteriormente o professor deve reconhecer o tipo de erro para finalmente intervir apropriadamente.

Antes do processo de intervenção é recomendável também estabelecer metas de ensino para o rendimento ortográfico dos estudantes, pois, dessa forma orienta melhor o trabalho do professor, bem como acompanhar o desempenho ortográfico dos alunos. Dependendo dos resultados obtidos o professor deve planejar as metas que posteriormente pretendem alcançar. Assim, o estabelecimento de metas nos ajuda a ter controle do que almeja para cada série.

É pertinente que logo no início do ano letivo sejam definidas as metas e a sequência do ensino, porém, como já foi dito anteriormente é necessário ter como base os conhecimentos prévios dos alunos, pois sabemos que existe uma diversidade de pessoas, que estão inseridas em diferentes contextos sociais, cujo nível de aprendizagem se distingue e que por isso o ensino deve ser direcionado numa perspectiva que supra as necessidades dos sujeitos aprendentes. Nesse sentido, não cabe a um profissional que não tem conhecimento do rendimento escolar dos alunos preceituar o que devem ou não aprender em determinada série.

É ainda oportuno que a sequência das metas a serem alcançadas esteja baseada em dois critérios: “a regularidade (ou irregularidade) das correspondências fonográficas e a frequência de uso das palavras da língua escrita”. (MORAIS, 2008, p. 70)

Segundo Morais (2008, p. 28)

O entendimento do que é regular e do que é irregular em nossa norma ortográfica me parece fundamental para o professor organizar o ensino. Se percebermos que os erros ortográficos têm causas distintas, podemos abraçar a idéia de que superação de erros diferentes requer estratégias de ensino-aprendizagem diferentes [...] Com base na distinção entre regular e irregular, o professor poderá

organizar mais claramente seu trabalho, decidindo o que o aluno precisa memorizar e o que ele pode compreender.

Nessa perspectiva, o professor deve ajudar o aluno a superar gradativamente os casos que existem regras, pois ao apropriar-se dessas, escreverão com segurança, uma vez que os princípios gerativos instruem a forma correta de escrever. Para isso, não convém decorar regras, é necessário refletir e internalizá-las.

No que diz respeito aos casos de irregularidades é necessário à memorização, dando prioridade às palavras de uso frequente nos textos. Citamos como exemplos o uso do “H” inicial em palavras como “homem” e “hora”. Outras palavras de uso não muito frequente como no caso da palavra “holofote” deverão ser aprendidas em outro momento.

É importante lembrar que sempre existirão dúvidas com relação às irregularidades das palavras, até mesmo em fases de aprendizagem bem avançadas. É, portanto fundamental o professor estar atento aos erros que os alunos cometem na escrita, e evidentemente, conceber esses erros como indícios daquilo que o aluno está precisando aprender.

Uma recomendação importante para os alunos desenvolverem competências ortográficas é propiciar convívio das crianças com materiais impressos, pois tendo contato com variados textos, o discente se apropriaria da linguagem escrita. Sobre isso Morais (2008, p.62) assevera que,

A leitura de materiais impressos é assim uma importantíssima fonte alimentadora para a reflexão ortográfica, especialmente para os alunos da classe popular: como em seus lares têm menos chance de conviver com textos escritos que sigam norma, precisam ter na escola a oportunidade de conviver, cotidianamente, com bons modelos de escrita correta, sobre os quais possam refletir.

A leitura e a escrita são processos indissociáveis. Permitir que o ato de ler fizesse parte da rotina diária das crianças, contribuiria para o desenvolvimento do melhor domínio da escrita, pois este convívio ajuda na familiarização com as palavras. Por isso, o professor deve promover a intimidade dos alunos com materiais impressos. Nessa perspectiva os aprendizes têm a possibilidade de desenvolver uma boa ortografia, apesar de existirem bons leitores com dificuldades na escrita.

É relevante que a leitura com matérias impressos sejam feito com rigor, visando ampla compreensão. Infelizmente, as práticas pedagógicas desenvolvidas no trabalho com a leitura pelos profissionais da educação, não garante uma percepção vasta. O Anuário Brasileiro da Educação Básica (2012, p.11) mostra que “51, 4% das crianças das escolas públicas, que concluíram a 2ª série (3º ano) do Ensino Fundamental não obtiveram os conhecimentos esperados para essa etapa na avaliação de leitura, na Prova do ABC”. Em (2014 p.71) o Anuário revela ainda que em leitura “49, 2% dos estudantes brasileiros sabem apenas o básico, (estão abaixo do nível 1 ou no nível 1 de proficiência)” ou seja, quase metade dos estudantes brasileiros só “conseguem achar apenas uma informação em um texto curto se este for simples e evidente”(Idem, 2012. p. 45). Diante desses dados podemos constatar que nos últimos anos as competências e habilidades no que se refere à leitura dos estudantes do País são extremamente precárias, sendo desta forma, preciso rever também o trabalho pedagógico da leitura que são desenvolvidos com os educandos.

A escola necessita romper com as práticas de ensino que limitam a compreensão da criança, visando apenas a “moral da história”. É preciso dar condições ao aluno de interpretar, de entender as funções dos textos, as diferentes variações linguísticas, etc. É ainda, preciso formar leitores que tenham intimidade com os textos, que saibam apreciar e dar sentido aquilo que está lendo, para isso é preciso considerar os textos que estejam vinculados às experiências de vida do leitor. E num momento posterior ampliar para outras leituras.

Numa perspectiva mais ampla, é interessante que o trabalho com a leitura em sala de aula seja feito com criticidade. O professor deve estimular diariamente as crianças a praticarem isso, instigando o desenvolvimento da capacidade crítica, questionadora e reflexiva. É dever do educador, oferecer condições aos sujeitos para que incrementem essas capacidades que permitem a inserção da criança ao pleno exercício da cidadania, contribuindo com a edificação de uma sociedade democrática, participativa, justa e igualitária, pois, a educação é uma prática social que deve estar compromissada com a realidade em que vivemos, com o mundo e com as

peças que estão ao nosso entorno. Tendo essa visão mais ampla, devemos incentivar os sujeitos a agir sobre o mundo transformando-o por meio de suas ações. Assim, se desprendem da alienação que a sociedade está submetida.

Outra sugestão que tornaria possível o aprendizado da ortografia seria o docente promover situações que conduzam os alunos a refletirem e explicitarem aquilo que eles conhecem sobre a escrita, como por exemplo, “brincar de escrever errado”. O aluno que escreve ortograficamente bem saberia em quais pontos chaves um aluno que não conhece determinada palavra erraria. Essa brincadeira seria uma forma de estimular o aluno à reflexão, fazendo pensar os porquês das grafias serem escritas de tais formas.

O professor pode também para a tomada de consciência semear a dúvida entre os alunos levantando questionamentos do tipo: exame se escreve com X ou Z? Ou como escreveria alguém que não tem conhecimento ortográfico, a palavra churrasco? Isso além de propiciar ao discente ter uma postura reflexiva sobre a ortografia, também “cria um espaço para a discussão dos porquês de nossa ortografia: para nós não basta que a criança “brinque de inventar erros”; o importante é a discussão posterior, quando tem que justificar os erros inventados.” (MORAIS, 2008, p.65).

Direcionar o ensino por meio da reflexão colabora na conscientização dos casos da norma ortográfica. Além disso, ajuda o educando a não temer erros que costumam cometer.

Uma relevante contribuição para o ensino da ortografia é o uso do dicionário. Poucos são os professores que o usam como instrumento aliado na aprendizagem da escrita. Muitas vezes é motivo de preconceito no qual o denominam de “pai dos burros”. Segundo Moraes (2008, p. 112) “é fundamental desenvolver nas crianças, desde cedo, a compreensão de que o dicionário é uma fonte de informação (sobre a língua, sobre as coisas do mundo) de valor inestimável e também um banco de informações ortográficas praticamente insubstituíveis”.

Entretanto, o uso do dicionário exige dos indivíduos que o usa, o domínio da língua escrita, pois somente dessa forma poderão usufruir de suas informações. O professor deve proporcionar aos alunos momentos que

permitam às crianças interagirem e familiarizarem-se melhor com esse instrumento de trabalho, de modo que eles passem a manuseá-lo com facilidade e entendimento.

É importante destacar que a manipulação do dicionário não deve acontecer de forma casual. Para o professor que pretende trabalhar com ele em sala de aula, propomos que ocorram questionamentos durante as atividades cotidianas. Semear dúvidas sobre a ortografia das palavras, também seria uma boa alternativa, pois estimula a curiosidade que predispõe a busca de soluções. Ao realizar as indagações, o professor pode incentivar as crianças a buscarem as respostas no dicionário como recurso que oferece as informações necessárias para esclarecer as dúvidas. Além disso, esse contexto colabora para desenvolver a autonomia da criança. As atividades de produção textual e leituras comentadas de um texto, por exemplo, são ótimas oportunidades para utilizar o dicionário também.

Acrescente ainda o uso do computador como auxílio na aquisição da língua escrita. Sabemos que este recurso tecnológico é uma ferramenta de fascínio das novas gerações. As crianças, jovens e adultos têm mostrado um grande anseio para com este objeto. Porém, a maioria dos usuários desse recurso utiliza apenas para jogos e entretenimento. O professor pode e deve aproveitar do uso demasiado do computador e incentivar a criança a utilizá-lo como ferramenta de aprendizagem.

Com esta intencionalidade: a de utilizar o computador como recurso que proporciona aprendizagem, o professor pode direcionar o ensino de modo que os alunos sejam estimulados a fazerem pesquisas quanto ao uso da grafia de algumas palavras, leituras de textos, jogos relacionados ao letramento, etc. Além disso, os editores de textos também podem ajudar, quando o corretor ortográfico apontar erros, o professor pode estimular à criança a usar sua autonomia e corrigir ela mesma as palavras que forem marcadas com erros.

O lúdico é outro recurso pedagógico recomendável no processo de ensino aprendizagem da ortografia, pois impulsiona à criança a querer aprender de forma prazerosa. Podemos citar como exemplo de atividades, alguns jogos e brincadeiras como: o jogo da memória, amarelinha, brincadeira da tarjeta, escrita com premiação, gincana com memorização, entre outras.

O lúdico como recurso pedagógico é muito mais que um simples brincar/jogar. Para ter valor educacional é necessário que as atividades lúdicas tenham intencionalidade, pois só assim acontece de fato uma aprendizagem sólida de caráter construtivo.

Ao proporcionar atividades prazerosas no ensino da ortografia é possível que o aluno passe a ver o conhecimento ortográfico como algo prazeroso de se aprender, ao contrário do ensino tradicional cujas atividades são tão enfadonhas que os alunos já veem a ortográfica como difícil e complicada. E não somente isso, este é também um meio de auxiliar as crianças que possuem dificuldades na aprendizagem permitindo que assimilem melhor o conteúdo.

É importante lembrar sobre o novo acordo ortográfico que será obrigatório em 2016, os professores já devem seguir as novas regras da norma ortográfica, por isso todos devem está preparados, independente da disciplina que leciona. As crianças que estudam nas séries iniciais serão as menos afetadas, pois já devem aprender de acordo com a gramática atualizada, por isso é fundamental que os educadores conheçam bem o novo acordo ortográfico. Porém, acreditamos que esta seja uma incorporação progressiva por isso, devem estar sempre com bons materiais que tirem as dúvidas.

Diante de tudo que mencionamos neste capítulo é fundamental que os educadores estejam bem instruídos, pois somente assim serão capazes de realizar uma mediação pedagógica coerente, que seja capaz de promover a aprendizagem do aluno. Cabe salientar a importância da busca contínua dos professores pelo conhecimento, pois, para que eles tenham constante sucesso enquanto profissionais da educação devem incessantemente potencializar suas competências por meio de formações, se aperfeiçoar, se aprimorar e adaptarem-se às novas alternativas de ensino. Nessa perspectiva, é relevante que o educador se torne um pesquisador, pesquisador do conhecimento, de informações, de como o aluno que está em sala de aula pode melhor aprender. Somente assim, será capaz dar condições ao aluno que permita pensar, refletir e construir o conhecimento sistematizado.

Além disso, um profissional bem estruturado de teorias é capaz de realizar algo muito importante para o contexto educacional, que é a inovação

pedagógica. Essa inovação é caracterizada pela mudança intencional e consciente das atividades cotidianas a qual proporciona melhoria na ação educativa.

Assim, acreditamos que essa perspectiva de ensino da ortografia promove a aprendizagem da criança. Cabe ao professor buscar metodologias eficazes que facilite a apropriação do conhecimento.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objeto de estudo desta pesquisa é o ensino e a aprendizagem da ortografia. Refletimos os desafios que alunos e professores enfrentam ao longo dos anos na tentativa de obter melhores resultados em relação às normas ortográficas. Nesse sentido, almejamos compreender como tem se dado o desempenho ortográfico das crianças no ensino fundamental, bem como as estratégias de ensino usadas pelos professores para subsidiar a aprendizagem da ortografia.

Desse modo, os procedimentos metodológicos adotados foram: primeiro momento, a realização da pesquisa bibliográfica. Segundo Oliveira (2008, p.69) a pesquisa bibliográfica “é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos”. Esses documentos proporcionaram fundamentos teóricos que permitiram familiarizarmo-nos e aprofundarmos em conhecimentos sobre o objeto de estudo.

A outra etapa da pesquisa bibliográfica foi a consulta a sites, onde consultamos artigos e selecionamos atividades que ajudaram na pesquisa de campo.

Além da pesquisa bibliográfica, neste trabalho realizamos também uma pesquisa do tipo participante na qual “caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas pesquisadas” (MATOS, VIEIRA, 2012 p. 46). Ao realizá-la, o pesquisador fez uso de uma proposta metodológica coerente com as referências teóricas estudadas, a qual foram fornecidas informações aos sujeitos, e assim colaboraram com o campo observado. Neste caso colaboramos com o desempenho ortográfico dos alunos.

Quanto ao *locus* de pesquisa, esta foi realizada numa escola pública estadual na cidade de Sousa-PB, na 3ª série do ensino fundamental I. Quanto aos sujeitos envolvidos nesta pesquisa foram: uma professora e seis alunos da 3ª série. A turma contava com o número de quinze estudantes. O critério para selecionar os seis participantes da pesquisa consistiu em que esses já

compreendiam o sistema de escrita alfabética, ou seja, já estavam no nível da aprendizagem ortográfica.

O período de realização dessa pesquisa se deu entre os dias vinte e três de março a vinte de abril do ano de dois mil e quinze.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevista com o professor e análise de materiais produzidos pelos alunos, tais como: ditado e produção textual.

Com o professor realizamos entrevista semiestruturada. Trata-se de “uma relação de perguntas, aplicada igualmente a todos os entrevistados, o que permite depois realizarmos uma análise quantitativa” (MATOS, 2002, p. 62). Optamos pela entrevista semiestruturada porque esta modalidade de entrevista permite uma flexibilidade para obtermos mais informações e assim entendermos melhor realmente como o professor desenvolve o ensino da ortografia.

No que concerne ao tipo de abordagem, optamos pela abordagem do tipo qualitativa. Oliveira (2008, p.60) ressalta que esta

Pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou fator social e fenômeno da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa.

Optamos por fazer a abordagem qualitativa porque esta permite analisar as informações coletadas e interpretá-las articulando-as com o referencial teórico estudado.

## 5 RELATO DA PESQUISA: REGISTRO E ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 Entrevista com a professora

Na perspectiva de investigar como se dá o ensino e a aprendizagem da ortografia no ensino fundamental, e ainda, identificar os desafios do professor em trabalhar a ortografia em sala de aula realizamos uma entrevista com a professora que atua na terceira série do ensino fundamental de uma escola pública estadual localizada no município de Sousa-PB.

Inicialmente indagamos: Como você trabalha a ortografia nesta série? Com que frequência?

Trabalho reconhecendo as sílabas, porque só eles reconhecendo novamente as sílabas simples e as sílabas complexas para depois ver a questão da ortografia. E eles têm muita dificuldade. Aí sempre trago atividades diferenciadas, atividades de completar, porque estimula mais, completar as lacunas. (professora)

Não é trabalhada com frequência. (professora)

A partir dessa resposta podemos perceber que para a docente, o centro do trabalho com a ortografia é aprender as sílabas. Entretanto, é necessário destacar que aprender as sílabas em si não é o suficiente, isso porque muitas palavras têm grafias relacionadas a realidades contextuais, ou seja, é preciso estar dentro de um contexto para sabermos quais letras são adequadas para serem utilizadas, exemplo disso é a palavra conserto/concerto.

A professora pouco explicita o trabalho com o ensino da ortografia que realiza em sala de aula. Seu relato nos leva a depreender que não é dada a devida importância ao ensino da ortografia. A docente confirmar isso, quando diz que o ensino da ortografia não é trabalhado com frequência. Tal situação traz para docentes e estudantes de Pedagogia uma significativa reflexão: se o professor não dá a devida atenção a este objeto de aprendizagem, imagine a criança. Nesse contexto, é imperativo lembrar Moraes (2008, p. 20) que adverte “o conhecimento ortográfico é algo que a criança não pode descobrir sozinha, sem ajuda”. Com isso, ratificamos a importância da mediação pedagógica nesse processo de ensino aprendizagem, mediação esta que precisa ser sempre revista pelo próprio docente, pois como ressalta Silva (2010, p. 2)

[...] acreditamos que, através de uma reflexão sobre a sua prática pedagógica, o professor poderá melhorar o seu desempenho e, conseqüentemente, o desempenho de seus alunos. Espera-se que ele atue, nesse nível de ensino, como um mediador que favoreça a ação da criança na construção do seu conhecimento.

Na sequência da entrevista perguntamos: Quais materiais didáticos você utiliza ao trabalhar ortografia em sala de aula?

Utilizo mais textos, portadores, rótulos... Já fizemos um trabalho com rótulos. Eu ainda vou fazer um cartaz com eles, com os vários portadores de textos, porque eles não conhecem tanto e a gente tem várias diversidades. Eu já trouxe jornais para eles verificarem os diversos tipos de letras. Revistas eles já trouxeram, revistas em quadrinho eles gostam muito, aí eu tento aproveitar ao máximo. (professora)

E jogos? Você trabalha com jogos, materiais concretos? (pesquisadora)

Em Português é muito pobre de jogos aqui na escola, só tem mais para Matemática. Em Português só tem mais com as sílabas simples é muito pobre. Ai no PENAIC ainda tem umas sugestões a mais, eu ainda estou trabalhando, como é novo, tem que ser uma atividade nova. (professora)

Neste relato fica claro que o trabalho com os materiais didáticos limita-se somente aos portadores de textos e também ao trabalho com rótulos. Além disso, notamos a falta de intencionalidade da professora em trabalhar a ortografia por meio de rótulos, pois pouco enfatiza sua metodologia, a qual nos permite inferir o despreparo desta, para direcionar este ensino.

Quando questionada a respeito do uso de jogos, a professora justificou o não uso com o fato de a escola não ofertar jogos de qualidade, no entanto se esta tivesse uma base teórica que instrísse o trabalho da ortografia compreenderia que o material didático pode ser construído até mesmo pelo professor e alunos em sala de aula. Em época de internet, os profissionais da educação dispõem de informações que podem ajudar bastante, ideias de jogos e brincadeiras que podem auxiliar intencionalmente no ensino da ortografia.

Posteriormente indagamos: Como as crianças se relacionam com o ensino da ortografia em sala de aula?

Tem algumas reclamações quando as atividades partem só para o lado da ortografia. Mas a gente pode trabalhar em diversas áreas, aí eles não reclamam muito não. Eu sempre trabalho textos com eles e

nesses textos a gente pode trabalhar a ortografia. Em ciências, eu sempre faço trabalho com eles, alguma coisa... qualquer conteúdo novo eu preparo um pequeno texto para transcrever para o caderno, aí na transcrição a gente já trabalha a ortografia. Nós não temos um momento só pra isso, a gente trabalha dentro de um todo. Até porque as aulas são polivalentes, né?.

Neste relato, identificamos um certo esforço da professora em trabalhar a ortografia, entretanto percebemos que há falta de conhecimento para desempenhar uma prática adequada, que conseqüentemente impede o desenvolvimento de uma metodologia motivadora e atrativa. Se este fosse um trabalho lúdico bem planejado não levaria a tantas reclamações.

Além disso, a criança precisa descobrir que a aprendizagem da ortografia pode ser algo interessante, pois assim como nos adverte Ferreiro (2011, p. 25)

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais).

Percebemos, por meio da fala da docente que falta essa motivação, a de mostrar que a aprendizagem da ortografia é algo interessante e assim desconstruir a imagem de que ortografia é difícil e complicada. Adornar este ensino por meio das práticas pedagógicas inovadoras contribui para o resgate no que se refere ao interesse dos alunos para com esse objeto de aprendizagem.

Em seguida perguntamos: Quais as maiores dificuldades encontradas nesse ensino?

As sílabas complexas, regras básicas de acentuação e letras que tem sons parecidos. Como por exemplo, o aluno X tem dificuldade no F e V. Os sons parecidos, quando entra R, RR, C, Ç, S, SS, palavras sem regras acaba sempre dificultando para eles na hora de escrever.

A docente aponta a própria ortografia como dificuldade, desconhecendo que entre os muitos desafios do professor no que se refere ao ensino da ortografia, está à busca de metodologias inovadoras que supram os índices de deficiências que os alunos apresentam com relação à escrita. Há um despreparo dos professores com relação a isso, pois praticam em sua maioria

métodos inadequados, ultrapassados porque não possuem uma formação consistente que fundamente uma prática sistemática, adequada e significativa.

Logo após indagamos: Como são trabalhadas as dificuldades das crianças na aprendizagem da ortografia? Essas dificuldades são trabalhadas por quanto tempo?

Separo um tempinho quando isso ocorre, mas esse ano ainda não trabalhei.

No caso do aluno X que tem dificuldades na escrita do F e V você se detém nessa dificuldade?(pesquisadora)

Sim, faço uma atividade específica com ele, só com ele porque eu notei que só ele tem essa dificuldade. Trago uma para sala inteira e uma específica só para ele. Nessa atividade ele não foi muito ruim. Eu trabalho a dificuldade até que eles melhorem um pouco, se eles continuar eu volto a trabalhar. (professora)

Essas dificuldades são trabalhadas só com atividades escritas? (pesquisadora)

Sim. Trago atividades xerocopiada relacionada à dificuldade. (professora)

Mais uma vez podemos perceber a falta de intencionalidade da professora no trabalho com a ortografia, notamos novamente que há um certo esforço desta para desenvolver este ensino, entretanto percebemos a ausência de domínio teórico para o desenvolvimento de uma prática coerente com as necessidades pedagógicas.

A fala professora revela ainda desconhecimento que a ortografia deva ser trabalhada por meio da memorização e da reflexão, pois em momento algum mencionou em seu discurso a questão das regularidades e irregularidades da ortografia, visto que o ensino desta

[...] pressupõe tratar a ortografia como objeto de conhecimento sobre o qual se pode pensar e não meramente repetir. Essa compreensão é de importância fundamental na construção de um ensino de ortografia que tenha como meta a reflexão sobre as regras e irregularidades da norma. (SILVA; MORAIS, 2007, 72)

Se o professor tem realmente a intenção de promover a aprendizagem do aluno, este deve ter o pleno conhecimento das questões ortográficas, bem como as regularidades e irregularidades que a ortografia apresenta e isso não se percebe na fala da docente.

Por fim, perguntamos: O que se pode fazer a mais para melhorar o desempenho ortográfico das crianças?

Eu acredito que trabalhando mais a questão das sílabas complexas e por meio de produção textual, dentro do texto pode exercitar essa questão ortográfica.

Com relação a atividades concretas, você acha que pode trazer alguma coisa pra ajudar?(pesquisadora)

Com certeza, a questão dos gêneros textuais, uma bula de remédio, rótulos... Sempre procuro trazer algo que esteja dentro da realidade deles. (professora)

Esse relato nos leva a depreender que a perspectiva para melhoria no desempenho ortográfico das crianças não se distingue a do que esta vem desenvolvendo em sala de aula, citadas em linhas anteriores. Não se percebe um novo olhar na visão da professora que venha aprimorar a qualidade da escrita ortográfica, novos desafios inerentes ao ensino da ortografia que possibilite o melhor desempenho das grafias.

Percebemos a necessidade de uma formação específica que corrobore na superação dos desafios e dificuldades que enfrentamos no ensino da ortografia, e assim, embase a aprendizagem da criança. Cabe a Universidade formar professores bem instruídos e capacitados, bem como o Estado propiciar formações continuadas. E, além disso, o próprio professor deve correr atrás de subsídios eficazes que promova a aprendizagem.

## **5.2 Relato da pesquisa participante**

Este estudo, dentre outros objetivos, buscou investigar como se dá a aprendizagem da ortografia no ensino fundamental; conhecer as dificuldades encontradas pelas crianças na grafia correta das palavras, bem como identificar os avanços dos discentes na aquisição da língua escrita por meio de práticas reflexivas. Era propósito desse estudo compreender o aprendizado da ortografia a partir de um ensino sistemático, desse modo, optamos por uma pesquisa participante. Esta se deu por meio de uma intervenção pedagógica orientada por subsídios teóricos com vistas a desenvolver uma metodologia que promovesse um aprendizado mais elaborado. Para isso, nos dirigimos a uma sala de aula de 3º ano de uma Escola Estadual durante treze dias, que

ocorreram entre vinte e três de março a vinte de abril do ano de dois mil e quinze, onde foram vivenciadas atividades relacionadas à ortografia, com o intuito de aprimorar o desempenho ortográfico de 6 crianças. Passamos, então a descrever o trabalho que realizamos.

Inicialmente realizamos uma atividade diagnóstica com a turma para detectarmos o nível das dificuldades. Para isso, contamos para as crianças a seguinte fábula: “A raposa e as uvas”. Utilizamos imagens visuais para estimular a imaginação das crianças, e assim, facilitasse a compreensão da história.



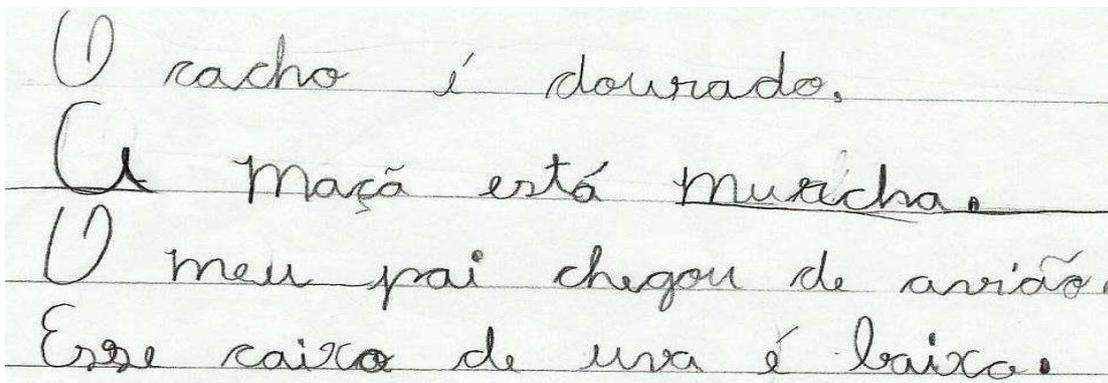
Feito isso, as crianças redigiram um texto tratando dessa fábula. Pudemos constatar por meio dessas produções textuais, algumas dificuldades que os aprendizes demonstraram em relação ao domínio ortográfico. De acordo com as dificuldades identificadas foram elaboradas as primeiras intervenções.

Do ponto de vista do trabalho docente com a ortografia é recomendado que o professor não trabalhe no mesmo dia os casos de regularidades e irregularidades. Partindo desse pressuposto, no primeiro dia optamos por trabalhar os casos de irregularidades (que não possuem regras ortográficas). A aula teve a seguinte sequência: Preparação mental, exposição dialogada com uso de material concreto, reflexão e sistematização. Sendo esse um caso que necessita de memorização, decidimos iniciar a aula com uma dinâmica que trabalhasse essa questão. Utilizamos lápis coloridos numa sequência para as crianças memorizarem, e em seguida dizerem a ordem das cores. O objetivo da dinâmica foi preparar a mente das crianças para a memorização.

Dialogamos sobre a escrita de palavras que faz uso das letras “X” e “CH”, cuja ortografia é irregular. Ao questionar a forma certa de escrever, muitos tiveram dúvidas. Explicamos a eles a questão das irregularidades da ortografia, levando-os a entender a necessidade da memorização.

Para que a explicação se tornasse algo mais concreto, em pedaços de cartolina escrevemos palavras equivalentes ao uso do “X” e “CH” para as crianças analisarem e registrarem na memória a forma correta. Posteriormente, dialogamos sobre a aula, na qual os alunos relataram suas aprendizagens nesse dia. Muitos apresentaram com êxito uma palavra nova ou algum comentário importante que havia sido falado no momento da explicação.

Para detectarmos o que de fato haviam aprendido, os alunos elaboraram uma frase para cada palavra que aprenderam. Dos seis alunos que fizeram a atividade, três erraram uma palavra, o que nos leva a perceber melhor rendimento ortográfico. A imagem a seguir traz um exemplo do bom desempenho ortográfico de um dos participantes dessa pesquisa após utilizarmos uma metodologia coerente e significativa nesse caso da ortografia.



Acreditamos que a dinâmica e as palavras visualizadas em cartolina foram estímulos para as crianças se envolverem na aula, bem como um auxílio para a memorização que, conseqüentemente, permitiu que escrevessem corretamente a maioria das palavras.

Na perspectiva de consolidar esse aprendizado no segundo dia, trabalhamos novamente com palavras que necessitam de memorização. Revisamos as aprendizagens da aula passada com relação às irregularidades ortográficas. Depois disso, brincamos de recitar trava línguas, pois como este

requer concentração e memorização, usamos para introduzir a atividade que iriam aprender.

Posteriormente, estudamos o som do “S” nas letras “Ç” e “C”, bem como o som de “Z” escrito com a letra “S”. Para isso, escrevemos no quadro com enorme caligrafia alguns exemplos como apoio para memorização. Explicamos as dificuldades de um aprendiz ao se depararem com a escrita de palavras cuja ortografia envolve esse caso de irregularidade. Refletimos sobre a grafia de cada palavra. Ao final da explicação perguntamos o que haviam apreendido na aula, todos relataram algo, confirmando que internalizaram o aprendizado.

Para finalizar a aula, as crianças fizeram uma atividade de sistematização. Em dupla tinham que reescrever um pequeno texto consertando as palavras que identificassem erro ortográfico. Nessa atividade, as crianças demonstravam empolgação pelo fato de estarem trabalhando com o colega e, dessa forma, ajudavam-se mutuamente. Os alunos obtiveram sucesso na reescrita das palavras, porém, no momento em que observávamos percebemos que alguns participantes não conseguiam identificar os erros. Percebendo isso, os influenciámos a analisar melhor a atividade fazendo-os lembrar do momento da explicação. Desse modo, as crianças conseguiram perceber todos os erros e corrigi-los.

Diante da perspectiva de ensino trabalhada nos dois primeiros dias, constatamos a participação dos alunos na aula foi bastante satisfatória, bem como a interação entre as crianças. Apesar de alguns equívocos na hora de demonstrar suas aprendizagens, certificamos os avanços dos alunos. Com relação às dinâmicas, eles demonstraram gostar bastante. Por outras palavras, confirmamos na prática que atividades práticas e lúdicas com intencionalidades bem definidas, promovem alterações nas motivações de aprendizagem da criança.

Dessa forma, asseguramos a relevância da mediação pedagógica para a aprendizagem da criança. O professor deve ter em mente a importância da intencionalidade formativa, seja uma dinâmica, uma brincadeira, algum recurso metodológico, etc. Isso faz uma diferença significativa, pois chama a atenção da criança para a aprendizagem, pudemos constatar isso quando aplicamos as atividades nos dois primeiros dias. A dinâmica dos lápis, o trava língua, a

atividade em grupo, as imagens visuais que trouxemos tornou a aula além de prazerosa, também produtiva.

Trabalhar com imagens visuais nas situações de casos irregulares como ocorreu nesses dois dias é bastante relevante, pois como não há uma regra que ajude a criança a escrever correto, o professor deve intencionalmente proporcionar a familiaridade das crianças com essas palavras. Conscientes de que o uso dos diversos sentidos potencializam a aprendizagem, o professor deve providenciar atividades que utilize os diferentes órgãos de sentidos. Desse modo, a visualização das palavras em cartolinas, escrevê-las grandes e visíveis para a criança ver, como foi realizado nessas aulas é pertinente como atividade pedagógica que busca resultados na aprendizagem. Morais (2008, p. 35) confirma isso quando adverte,

[...] a memorização da forma correta de palavras irregulares corresponde a conservar na mente imagens visuais dessas palavras, suas “imagens fotográficas”. Nesse sentido, a exposição do aprendiz aos modelos de escrita correta das palavras que contêm irregularidades é fundamental para que memorize sua imagem visual.

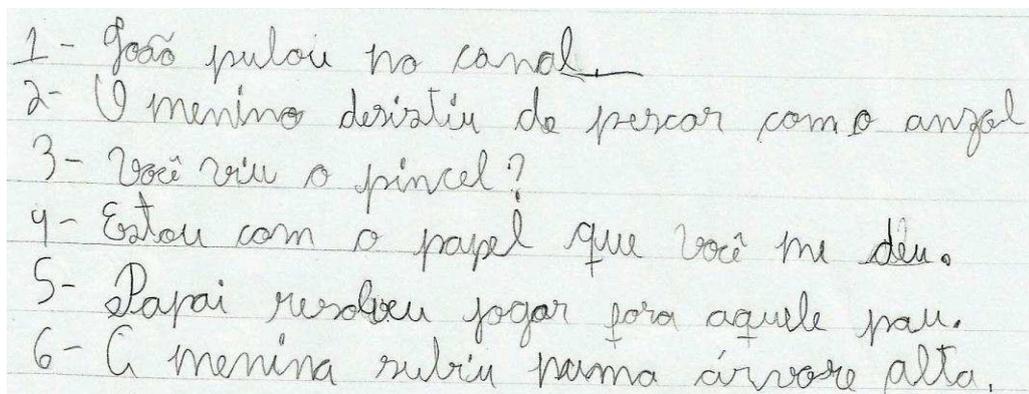
O professor pode e deve auxiliar a criança de inúmeras formas. Cabe a ele tomar consciência da importância da mediação pedagógica para a aprendizagem e, assim, procurar meios que ajude a criança nesse processo de domínio da ortografia.

No terceiro dia optamos por trabalhar palavras com princípios gerativos, as quais, necessitam de reflexão para que a escrita ortográfica se realizasse de acordo com a norma ortográfica. Estudamos as terminações “U” e “L” nas palavras. Esse estudo se deu num primeiro momento com a realização de uma brincadeira. Dividimos a turma em dois grupos, cada qual retirava uma palavra escrita em cartolina que estava dentro de uma caixa, para que a equipe adivinhasse a palavra por meio de mímicas. Formando duas colunas no quadro de verbos e substantivos, as palavras iam sendo postas de acordo com essas classificações.

Feito a brincadeira, perguntamos-lhes se percebiam alguma diferença entre as duas colunas ou alguma semelhança. Porém, responderam que a diferença era somente que um grupo era formado por verbos e o outro por

substantivos. Explicamos o que viria a ser um verbo e um substantivo, e ainda, os induzimos a pensar que as terminações das palavras dos dois grupos tinham o som bem parecido, no entanto a sua escrita era diferente. Explicamos ainda que a regra da norma ortográfica revela o som do U nas terminações de verbos escritos com U, já no caso de substantivos essa terminação é escrita com L. Explicamos ainda que mesmo diante dessas regras, havia exceções de casos de substantivos terminados com U. Para que eles entendessem melhor, usamos uma metáfora: lhes dissemos que essas palavras eram rebeldes e que por isso não obedeciam à regra de sua família. Acreditamos que essa reflexão acerca desse caso da ortografia foi bastante significativa para os alunos.

Como atividade de sistematização, as crianças fizeram um ditado de frases com as doze palavras que havíamos estudado na tentativa de percebermos a eficácia do aprendizado. Das seis crianças que fizeram a atividade apenas duas crianças erraram uma das doze palavras. O exemplo da atividade abaixo elaborada por um aluno ilustra a apropriação do conhecimento no que se refere às terminações “U” e “L” nas palavras.



Nessa perspectiva, constatamos que as crianças conseguiram apreender o conteúdo, pois além de termos comprovado isso na escrita, também identificamos o progresso através de uma conversa informal após a realização das atividades. O resultado foi que todos conseguiram expor suas aprendizagens com riqueza de detalhes, dando até exemplos. Reiteramos que o fato de termos iniciado a explicação com a dinâmica permitiu que as crianças se envolvessem com a atividade, levando-as ao aprendizado. Essas dinâmicas constituem-se formas intencionais de preparar a mente das crianças para o conteúdo a ser ministrado a seguir. Essa prática de uso das dinâmicas

abordando conteúdos, sempre mostrou-se exitosa, despertando interesse e promovendo aprendizagem.

A postura do docente quando trabalha casos de regularidades da ortografia não é simplesmente o de introduzir na mente das crianças um monte de regras para que decorem, mas fazê-las entenderem, refletirem e interiorizarem. Morais, (2008, p. 32) ressalta que

[...] a compreensão da regra subjacente permitiria o seu emprego adequado, levando o aluno a gerar, corretamente, a grafia de novas palavras. Se ele não o faz, também é porque o ensino oferecido não conseguiu lhe assegurar a compreensão que levaria ao êxito.

Por isso, não basta apenas fazer é preciso saber fazer. Fazer com competência a mediação pedagógica faz toda diferença, a forma como o professor trabalha, como explica, os meios que ele utiliza são fatores determinantes que levam as crianças a incorporar as regras ortográficas e, assim, aplicá-las corretamente.

No quarto dia, foram estudadas algumas palavras específicas usadas pelos alunos na escrita da fábula, identificadas como um caso de irregularidade da ortografia. O estudo se deu em um primeiro momento com a visualização dessas em uma cartolina amarela para facilitar a memorização.

Foi explicada a escrita de cada uma das palavras, e ainda, mostramos como eles tinham escrito no texto para que pudessem comparar e, assim, percebessem onde tinham cometido erro.

Para melhor fixar o aprendizado fizemos uma brincadeira com plaquinhas de tarjetas. Cada criança ficava com duas, nestas estavam às letras “V” e “F”.



Em pedaços de cartolinas escrevemos as palavras referentes ao estudo desse dia com ortografia certa e errada. Na medida em que as palavras iam sendo mostrada aos alunos, eles levantavam a plaquinha com a letra “V” se a grafia estivesse correta e “F” quando sua escrita estivesse errada. Nessa brincadeira a maioria dos alunos teve êxito na identificação das escritas ortográficas. Além disso, demonstraram animação e entusiasmo para com essa atividade. Ao final da aula realizamos um ditado com as seis palavras estudadas. Das seis crianças, duas acertaram quatro palavras e erraram duas, duas crianças acertaram cinco palavras e erraram uma e duas acertaram as seis palavras.

Acreditamos que a falta de atenção deles na hora de escrever é que fez esses alunos se equivocassem na hora de escrever, pois, quando pedimos que cada uma das crianças falasse algo que aprenderam, eles soletraram todas as palavras corretamente.

Nos casos irregulares é preciso investir de fato nessa questão da memorização, os alunos sempre terão dúvidas quanto à escrita de alguma palavra que não tenha uma regra que justifique a forma como deve ser escrita. É preciso ajudá-los, criando situações que os permitam guardar na memória palavras irregulares, expondo para eles todo tipo de material que possibilite a memorização progressivamente.

No quinto dia, trabalhamos a regularidade da norma ortográfica que corresponde ao uso do M e N nas palavras. Inicialmente, refletimos sobre os princípios gerativos (regras) que norteiam a escrita correta de palavras que se enquadram nesse caso da ortografia.

Escrevemos no quadro algumas palavras erradas retiradas dos próprios textos dos discentes com o objetivo de que eles identificassem o que precisava ser modificado. De acordo com os erros ortográficos que eles apontavam, eram indagados sobre o porquê dos erros. Dessa forma, fizemos uma reflexão acerca da regra envolvendo o uso do “M” e “N”. As crianças demonstraram, por meio da fala, apropriação quanto ao uso adequado dessas letras nas palavras.

Num segundo momento, propomos uma brincadeira. Foram expostas no chão da sala, em duas colunas, uma sequência de palavras. Cada equipe era representada por um aluno, este teria que soletrar a palavra que estava no

chão da sala. A cada acerto avançavam a uma próxima palavra. Lembrando que só eram mostradas após soletração para eles próprios constatarem o erro ou acerto.

Trabalhamos também com o uso do alfabeto móvel, o qual foi disposto em círculo no chão da sala. Incentivamos os alunos a formarem as palavras que haviam apreendido. Percebemos que as crianças se ajudavam mutuamente, os que tinham menos dificuldades auxiliavam os que demonstravam mais dificuldades. Eles gostaram bastante desse momento, percebemos isso através dos sorrisos que traziam no rosto, pois além de estar interagindo com o colega, fugia um pouco da rotina, ou seja, a inovação pedagógica fazia a diferença. Foi um momento que ajudou as crianças a pensarem sobre o uso das situações que podem usar M ou N.



Como atividade de sistematização, usamos um texto lacunado cujo objetivo era utilizar as palavras que foram estudadas durante esse dia e assim avaliamos o aprendizado das crianças. Das seis crianças que fizeram a atividade, cinco acertaram 100% das palavras; Uma criança acertou nove palavras e errou apenas a escrita de uma.

Destacamos aqui a importância de o professor ter conhecimento de uma fundamentação teórica que oriente a desempenhar uma prática adequada com relação ao ensino e aprendizagem, pois ele só pode propiciar uma aprendizagem relevante à criança, se tiver estudo e conhecimento. No entanto,

[...] o papel do professor [...], só farão sentido, só cumprirão seus objetivos pedagógicos se o professor, de fato, atuar como um mediador, levando os alunos a perceber e utilizar diferentes estratégias de manifestação oral e/ou escrita. (DIAS, 2001, p. 89)

Mediar o conhecimento em sala de aula requer essa apropriação e conhecimento daquilo que se está fazendo, inferimos mais uma vez a importância do saber fazer, e isso só é possível se buscarmos fundamentação teórica que oriente o trabalho do professor.

No sexto dia trabalhamos mais um caso de regularidade da norma ortográfica que nessa fase da aprendizagem os aprendizes cometem muitas confusões na hora de escrever, na hipótese dos alunos não terem apropriação dos princípios gerativos. É o caso do som do “I” e “U” no final de palavras escritas com “E” e “O”.

Inicialmente realizamos um bingo ortográfico com 15 palavras. Das 15 palavras ditadas eles teriam que escolher dez e escrever nos espaços da cartela. A criança que tivesse acertado o maior número de palavras que sorteávamos posteriormente ganhava um prêmio, motivando-os ainda mais a participar da aula.

Em seguida, espalhamos na sala de aula alguns rótulos e plaquinhas com as palavras do bingo, para as crianças compararem à escrita e assim perceber algum erro que pudessem ter cometido, dessa forma, eles já começariam a pensar sobre o caso da ortografia que iríamos estudar. Reiteramos aqui a importância de o professor oportunizar a reflexão. Durante esta atividade, eles estavam atentos e interessados. Acreditamos que o bingo e o prêmio influenciaram os alunos a se envolverem com a atividade.

Posteriormente, fizemos uma reflexão acerca desse estudo de modo que os alunos organizassem mentalmente as regras, internalizando-as. A compreensão dos alunos foi notória, pois além de explicitarem o que foi apreendido na aula, conseguiam expor exemplos correspondentes ao estudo realizado. Dessa forma, acreditamos que o aprendizado foi concreto, visto que só é possível expressar verbalmente aquilo que já foi internalizado.

Para terminar, fizemos uma cruzadinha, que por sinal, motivou bastante o interesse das crianças. Nessa atividade todos os alunos escreveram corretamente as palavras que foram estudadas nesse dia.

Concluimos que as atividades realizadas foram envolventes, de forma, que ajudaram os alunos a obterem uma aprendizagem prazerosa e significativa. Isso se confirma ao vermos que os alunos escreveram

corretamente as palavras, bem como expressavam satisfação ao realizar as atividades.

Propor um estudo com base na reflexão das regras foi um dos fatores positivos desta aula. No momento dos alunos exporem seus conhecimentos as regras os orientavam quanto à forma de escrever. Assim, entendemos que em casos de regularidade da norma ortográfica é útil e relevante a compreensão das regras e que esta compreensão não se dá por meio da decoreba, mas o docente deve criar situações, de modo intencional, que favoreçam a aquisição dos princípios gerativos, por meio de suas práticas pedagógicas. Com relação às regularidades ortográficas, Moraes (2008, p.28) destaca que

[...] podemos prever a forma correta sem nunca ter visto a palavra antes. Inferimos a forma correta porque existe um “princípio gerativo”, uma regra que se aplica a várias (ou todas) as palavras da língua nas quais aparece a dificuldade em questão.

Nesse sentido, as regras da norma ortográfica servem de apoio na hora de escrevermos e por isso, na ação pedagógica do professor requer um processo de condução da reflexão para que haja apropriação do conhecimento. Ressaltamos que a prática pedagógica torna-se decisiva nesse procedimento.

No sétimo dia, fizemos uma gincana envolvendo os casos da ortografia já trabalhados nas aulas anteriores, cujo objetivo era consolidar a aprendizagem. Para essa gincana foram elaboradas 20 perguntas. Algumas delas, era pedido que recitassem regras, soletrassem ou que fosse escrito no quadro palavras. Além disso, as crianças ainda eram questionadas sobre o porquê de essas palavras serem escrita de tal forma. Constatamos por meio das respostas que os alunos internalizaram o aprendizado.

A gincana foi um momento que proporcionou alegria, prazer e entusiasmo às crianças. Através desta, os alunos tiveram maior envolvimento e interação com a aula, demonstrando efetivamente como a inovação pedagógica é importante no ensino e aprendizagem da ortografia.

Após a gincana, os alunos reescreveram a fábula “A raposa e as uvas”, com vistas a constatar o desempenho ortográfico dos alunos após trabalharmos as dificuldades dos alunos apresentadas na produção textual diagnóstica. Entregamos uma cópia do texto do aluno (que ele tinha escrito na

primeira aula) para que eles reescrevessem corrigindo as palavras que eles identificassem erro. Observando-os notamos que algumas crianças logo percebiam os erros que cometeram no texto, outros ao perceber tiveram dúvidas e, outros, que passavam sem se dar conta de palavras erradas. Algumas vezes desencadeamos uma reflexão induzindo esses alunos a perceberem a escrita errada de algumas palavras.

Analisando a reescrita dos textos constatamos que os alunos obtiveram evolução quanto à escrita das palavras, pois o número de erros que cometeram nesse texto foi bem menor quando comparado ao primeiro. Apesar de não terem escrito ortograficamente correto todas as palavras, todos os participantes dessa pesquisa obtiveram progresso, uns em maior grau outros em menor. Os avanços obtidos comprovam que as práticas de ensino usadas foram adequadas e satisfatórias, visto que é perceptível o domínio na escrita de palavras que anteriormente não sabiam.

Objetivando atender as necessidades identificadas ainda no rendimento ortográfico dos alunos por meio da produção textual, no oitavo dia, desenvolvemos estratégias de ensino que os ajudassem a superar os casos de regularidades da norma ortográfica que ainda apresentavam dificuldades.

Promovemos um momento de reflexão sobre o assunto e logo em seguida realizamos a dinâmica conhecida como batata quente, que se deu da seguinte forma: Organizamos as crianças em forma de círculo e utilizamos uma caixa com palavras para que pudessem passá-la de mão em mão, individualmente, enquanto cantávamos uma música. Quando a música parava a criança que estivesse com a caixa na mão tiraria uma palavra e escolheria um colega para soletrar a escrita. Todos os alunos conseguiram soletrar corretamente as palavras. Essa dinâmica melhorou a autoestima das crianças para aprender, pois elas estavam bastante empolgadas com a dinâmica.

Após a dinâmica realizamos um ditado de frases. Nesse momento, os discentes interagem, conversavam a respeito das frases que produziam e ainda havia ajuda mútua a respeito da escrita de alguma palavra. Os alunos apresentaram poucos erros ortográficos. Das dez palavras estudadas, cada criança acertou nove e errou uma. Percebemos que a aprendizagem neste dia

se deu de forma espontânea, visto que houve participação ativa e prazerosa dos alunos.

Mais uma vez destacamos a relevância dessas práticas pedagógicas intencionais no ensino da ortografia. A vivência dessas atividades nos mostraram que é possível um ensino significativo da ortografia quando o professor tem fundamentação teórica que norteie seu método e quando este está predisposto a desenvolver um trabalho que seja significativo, ou seja, que tenha resultados de aprendizagem efetiva para o aluno.

A ação do mediador deve selecionar, dar forma, focalizar, intensificar os estímulos e retroalimentar o aprendiz em relação às suas experiências a fim de produzir uma aprendizagem apropriada, intensificando as mudanças do sujeito. (RON, 2011, p. 3)

Nessa perspectiva, dependendo da mediação pedagógica, é que pode haver resultados positivos na aprendizagem da criança, a intervenção do professor é um fator determinante que pode interferir e estimular o desempenho da criança. Só uma mediação eficiente, competente pode permitir que a criança aprenda de fato.

No nono dia de trabalho sistemático com a ortografia revisamos alguns exemplos de irregularidades da ortografia que os alunos demonstraram ainda dificuldades em escrevê-los na produção textual.

Refletimos sobre a escrita de cada uma das palavras e, ainda, reforçamos sobre a importância da memorização nesses casos. Em outro momento, para que as crianças tivessem uma apropriação mais consistente das palavras que necessitam de memorização, dividimos os alunos em duas equipes e utilizamos o alfabeto móvel para que os eles montassem as palavras que trabalhamos nesse dia. A equipe que conseguisse formar primeiro a palavra corretamente, vencida a brincadeira.

Após termos trabalhado todas as palavras, entregamos a cada aluno a cópia da fábula que foi reescrita por eles pela segunda vez, com o objetivo de que escrevessem o texto novamente, identificando as palavras que ainda estavam com ortografia errada e, assim, corrigi-las. Ao analisá-los durante essa atividade percebemos quão surpresos ficavam quando percebiam que haviam errado palavras que tínhamos estudado na aula.

Comparando as duas produções textuais de uma das crianças realizadas antes e o depois da intervenção, constatamos que a aprendizagem dos alunos progrediu, como pode ser visto na imagem que segue.

(1) Rapoza e o caite de uma

Era uma vez uma rapoza faminta ela estava e viu um caite de uma enorme então ela era tentou pegar mas a árvore era muito grande então ele teve uma ideia viu uma pedra enorme e tava tentando empurrá-la mas ela não conseguiu porque ela era muito fraca então ela teve outra ideia ela viu uma árvore então subiu em cima da árvore mas não conseguiu pegar escureceu e ela não conseguiu pegar quando amanheceu ela viu um galho e pegou e não conseguiu pegar então ele foi embora com fome e ele disse essas duas estavam entregadas eu vou embora.

Antes da intervenção

A rapoza e o caite de uma.

Era uma vez uma rapoza faminta ela estava e viu um caite de uma enorme então ela era tentou pegar mas a árvore era muito grande então ela teve uma ideia viu uma pedra enorme e estava tentando empurrá-la mas ela não conseguiu porque ela era muito fraca então ela teve outra ideia ela viu uma árvore mas não conseguiu pegar escureceu e ela não conseguia pegar quando amanheceu ela viu um galho e pegou e não conseguiu pegar então ele foi embora com fome e ele disse essas duas estavam entregadas eu vou embora.

Após a intervenção

Percebemos nitidamente os avanços com relação à escrita ortográfica desse aluno, comprovando, assim, a eficácia dos métodos utilizados. Sabemos que o objetivo da prática de ensino do docente é sempre possibilitar, facilitar e desenvolver uma aprendizagem significativa, por isso o professor necessita buscar estudar teorias que o ajude a desenvolver uma prática pedagógica impregnada de significado.

Para comprovarmos a utilidade dessas práticas de ensino, realizamos mais uma atividade diagnóstica através de um ditado com palavras e frases. Os estudos dessas grafias se deram no décimo dia, com a aprendizagem de palavras com princípios gerativos (regras). Percebendo as dificuldades dos alunos na ortografia do uso do R e S desenvolvemos um ensino objetivando superar essas dificuldades.

Inicialmente apresentamos alguns exemplos em cartolina. Em seguida escrevemos no quadro as regras que norteia esse estudo para refletirmos sobre cada uma delas. Feita a explicação, perguntava-lhes qual das palavras escritas na cartolina era exemplo da regra que lhes apontava. Algumas crianças se confundiam, no entanto, quando isso ocorria os demais alunos ajudavam.

Posteriormente realizamos um ditado em dupla. Cada criança fazia o seu e depois comparava com o do colega. Percebendo que as crianças viam o ditado como algo monótono e tedioso, sendo assim, resolvemos fazer uma simples mudança. Ao invés de escreverem uma lista de palavras uma abaixo da outra, utilizamos pequenos retângulos aleatórios numa folha para escreverem as palavras. Essa simples mudança, dinamizou o ditado e as crianças ficaram bastante empolgadas, para eles era mais uma brincadeira, como bem foi expressa na fala de um deles.

A inovação na atividade pedagógica é um fator imprescindível que estimula e conquista a atenção da criança, levando-a ao aprendizado. Além disso, o trabalho em equipe permite que a ajuda mútua tenha efeitos positivos na aprendizagem.

No momento em que os alunos comparavam a escrita das palavras, ao identificarem divergência quanto à forma que grafaram, eles dialogavam acerca daquela dificuldade, fazendo uma reflexão na hora da atividade. Também havia momentos em que alguns orientavam o colega que tinha dúvida. Das dez palavras trabalhadas cinco crianças acertaram todas as palavras e uma criança acertou nove palavras e errou uma.

Nessa atividade escrita, as crianças obtiveram êxito quanto ao acerto das grafias, comprovando mais uma vez a eficácia de um ensino realizado por meios dinâmicos, material concreto, lúdicos, com mediação pedagógica

coerente. Nesse sentido, convém enfatizar que quando o docente se utiliza de uma metodologia diferente que convida a criança a participar da aula, quando é instigado que os aprendizes tenham essa interação, a prática pedagógica é transformada, conseqüentemente, torna-se interessante para a criança, promovendo o aprendizado. O autor confirma isso quando diz que “O lúdico aplicado à prática pedagógica não apenas contribui para a aprendizagem da criança, como possibilita ao educador tornar suas aulas mais dinâmicas e prazerosas”. (ALMEIDA; CASTILHO, 2015. p. 6)

O professor que tem competência profissional sabe a forma correta de trabalhar a ortografia, e o lúdico é uma das ferramentas que funciona bastante, na prática percebemos que o lúdico promove a aprendizagem. Por isso, afirmamos mais uma vez a importância do professor estudar, pesquisar, buscar subsídios teóricos metodológicos que favoreçam a aprendizagem da criança.

No décimo primeiro dia, trabalhamos a escrita de palavras regulares, que se refere ao uso do “AM” ou “ÂO” em final de verbos, fomentando o trabalho por meio da reflexão das regras. Foram explicadas às crianças as regras quanto ao uso destas nas terminações verbais. As crianças tiveram dificuldades para identificar o som, visto que são muito parecidos.

Dessa forma, exercitamos o uso destes, registrando alguns exemplos no quadro. Chamávamos duas crianças por vez, uma preenchia as lacunas que haviam nas frases e a outra analisava a escrita, sempre refletindo o porquê da palavra está ou não escrita correta. As crianças ficavam animadas e ansiosas para participar da atividade. O que os mobilizou foi o fato de que iam até o quadro com o colega. Este foi um meio que os estimulou bastante para a aprendizagem.

Como forma de avaliar as aprendizagens fizemos um ditado de dez palavras. Os sujeitos dessa pesquisa mostraram ainda dificuldades na escrita das palavras, das seis crianças uma errou uma palavra e três erraram duas palavras. Apesar dos erros, acreditamos que obtiveram aprendizagem quanto ao uso das terminações verbais. Percebemos isso ao conseguirem expressar o que foi estudado, comprovando que o conteúdo foi internalizado. Entretanto, acreditamos que os erros em algumas palavras estejam relacionado à sonoridade, visto que os sons apresentam semelhanças.

No décimo segundo dia, estudamos a escrita de palavras consideradas irregulares, ou seja, que não têm nenhum princípio gerativo (regras) que ajude a entender o porquê de escrevermos de tal forma, sendo assim, recorremos à memorização. As crianças eram sempre lembradas que em situações irregulares da norma ortográfica, seria necessária memorização.

Em seguida, refletimos sobre as palavras do ditado diagnóstico que possuíam irregularidades na escrita. Para melhor fixar a aprendizagem dessas palavras, em forma de círculo repassamos palavras escritas em cartolina, enquanto cantávamos uma música. Quando a música parava, o aluno que estivesse com a palavra na mão, escolheria um colega para soletrá-la. Usamos ainda outra brincadeira, a da plaquinha de V ou F, que já foi utilizada em outro momento do ensino.

Essas brincadeiras foram bastante pertinentes para o aprendizado das crianças nesse dia, pois além de empolgá-las prendendo a atenção para aula, o aprendizado surtiu efeito positivo na hora de realizarmos a atividade escrita.

Entregamos um texto com algumas palavras em negrito, as quais foram escritas propositalmente erradas para que os alunos percebessem o erro e as corrigissem. No entanto, houve ainda alguns alunos com dúvidas, mas quando lhes pedia para que se lembrassem das explicações, das brincadeiras, do colega que soletrou, eles conseguiam recordar a escrita correta. Assim, das oito palavras irregulares trabalhadas, todos os alunos escreveram-nas corretamente.

Após a realização dessas atividades fizemos uma avaliação oral. Perguntamos sobre suas aprendizagens nesse dia, todos relataram que aprenderam a escrever uma nova palavra. Mais uma vez constatamos o quanto é eficaz o uso de imagens visuais quando trabalhamos as irregularidades da norma ortográfica.

No décimo terceiro dia, trabalhamos algumas palavras cujas dificuldades ainda eram apresentadas pelos alunos, objetivando um progresso maior. Inicialmente, revisamos palavras estudadas na aula anterior na tentativa de compreendermos o que de fato haviam apreendido.

Em seguida, fizemos uma gincana com a turma que se deu da seguinte forma: dividimos a sala em duas equipes, depois cada participante pegava um

papel informando o que eles iam fazer. Nesses papeis, por vezes, solicitavam para soletrar palavras, escrever palavras no quadro ou recitar regras. Quando um participante respondia uma das perguntas, aproveitávamos o momento para refletir sobre o assunto. Se a equipe não conseguisse responder passávamos a vez para a outra equipe. Ao final da gincana os vencedores ganharam um prêmio. Essa atividade, muito agradou aos alunos, pois mostraram interesse participando da aula, facilitando o ensino.

Por fim, realizamos mais uma vez o mesmo ditado que serviu como base diagnóstica cuja finalidade era compararmos os resultados do antes e depois das práticas pedagógicas. Percebemos um progresso maior na escrita das crianças, todos os alunos conseguiram escrever corretamente as palavras do ditado. Houve 100% de acerto.

Assim como na fábula, as dificuldades apresentadas no ditado foram trabalhadas até que percebêssemos o progresso das crianças, sejam em situações que obtivessem questões regulares ou irregulares. Trabalhando nessa perspectiva evitamos que as dificuldades dos aprendizes fossem acumuladas, caso contrário os problemas ortográficos permaneceriam durante toda sua trajetória escolar o que iria prejudicá-los posteriormente em outras etapas da vida, tais como: vida acadêmica, ENEM, concursos, trabalho, etc.

Esse é, portanto o papel do professor que almeja um ensino que ajude o aprendiz a desenvolver suas habilidades na escrita. Enquanto a criança não superar as dificuldades com relação à ortografia, sugerimos que não se deve avançar a novos casos da escrita. Claro que o professor deve ter bom senso e saber que em tudo há limites.

Contudo, constatamos que é possível sim ensinar e aprender ortografia, passamos treze dias em sala de aula e comprovamos que os alunos conseguiram apreender. E um profissional que passa um ano na sala de aula, o que não poderia fazer? O professor dispõe de vários recursos que pode proporcionar a progressão da aprendizagem das crianças, um aprendizado consciente que leve a transformação, e que ainda transforme a realidade presente.

Dessa forma, podemos dizer que a aquisição da língua escrita é um processo lento que requer paciência, mas também dedicação e conhecimento

teórico-prático que dê subsídios para efetivar um ensino propositivo. É necessário ao professor ter compromisso e competência.

## CONCLUSÃO

Os desafios inerentes ao ensino e aprendizagem da ortografia, são finalidades do estudo aqui registrado. A seguir apresentamos algumas considerações fundamentais a partir da pesquisa realizada.

A investigação empreendida nos levou a uma maior compreensão de que a escrita é uma convenção social e que ao longo da história passou por várias transformações até chegar ao alfabeto. Entretanto, essas transformações não deixam de acontecer, pois palavras que até recentemente eram aceitas gramaticalmente, passaram por modificações, como no caso da palavra *idéia/ideia*. Este estudo nos permitiu entender que a ortografia é uma convenção social fundamental uma vez que a não padronização levaria leitores cometerem confusões na hora de interpretar, a escrita.

Em vista disso, realizamos uma pesquisa tendo como sujeito professor e alunos na tentativa de compreendermos alguns desafios inerentes ao ensino e aprendizagem da ortografia. O estudo realizado veio confirmar que a atribuição fundamental do professor é contribuir com um ensino sistemático, que ajude os educandos a superar as dificuldades que são próprias desse processo de aprendizagem.

Esta investigação buscou compreender como se dá o ensino da ortografia no ensino fundamental, identificando os desafios do professor em trabalhar a ortografia em sala de aula. Realizamos, então, uma entrevista com uma professora a qual a partir de suas respostas chegamos a algumas conclusões.

Acerca do ensino da ortografia no ensino fundamental, a pesquisa nos permitiu constatar que o professor do ensino fundamental ainda não dá a devida atenção ao ensino da ortografia, pois se percebe através das respostas da educadora a falta de intencionalidade nas metodologias que são usadas, foi possível perceber também a ausência de um ensino sistemático e consistente. O estudo teórico nos fez entender que o ensino da ortografia exige que os encaminhamentos didáticos sejam conscientes, adequados, escolhidos conforme o propósito pretendido, caso contrário os resultados serão ineficazes.

É de domínio público que ter conhecimento, ter domínio teórico metodológico é fundamental para que o professor desenvolva uma prática pedagógica significativa, entretanto este é um fator pouco evidente quando observamos as respostas da entrevistada, o que nos leva a inferir o despreparo desta.

Identificamos também que a docente, do contexto pesquisado, ignora que o ensino da ortografia se dá por meio da reflexão e memorização, pressupostos fundamentais para desenvolver um ensino que consolide a aprendizagem, pois em momento algum destacou que seu trabalho é desenvolvido por meio de estratégias que trabalhe a reflexão ( em casos de regularidade) e memorização (em casos de irregularidades).

A pesquisa realizada mostrou que existem professores sem qualificação com relação ao ensino da ortografia, pois ficou perceptível a falta de metas, de propósitos e também intencionalidade nas estratégias de ensino, decorrência da ausência de uma formação teórica que norteie esse trabalho. Cabe registrar que esse é um exemplo semelhante a outros existentes no contexto educacional.

No que concerne aos desafios dos professores em trabalhar a ortografia em sala de aula identificamos que existe a necessidade de romper com o tradicionalismo. Os educadores tem a árdua tarefa de oferecer um ensino de qualidade, de procurar métodos adequados e inovações pedagógicas, entretanto, apesar de alguns se esforçarem como no caso da docente entrevistada, que procura trabalhar com portadores sociais de texto, ainda muitos não conseguem desempenhar corretamente o ensino.

Percebemos que a falta de subsídios teóricos fragilizam o ensino em sala de aula. Todos os dias professores convivem com desafios constantes. Auxiliar a criança para que esta escreva correto não é tarefa fácil, é preciso utilizar método adequados que só serão possíveis se o professor procurar uma formação contínua que o permita desenvolver um ensino de qualidade, pois além da ortografia terão que ensinar a ler, produzir textos etc...

Contudo, os desafios com relação ao ensino da ortografia consistem na busca de metodologias que deem resultados positivos, que sejam trabalhadas com intencionalidades, inovações pedagógicas que chamem a atenção da

criança e que a leve a refletir de fato sobre a norma ortográfica. Cabe destacar que não é a atividade em si que proporciona resultados positivos, mas a forma como o professor conduz, ou seja, é a mediação pedagógica que faz acontecer à apropriação do saber.

Além dos desafios inerentes ao ensino buscamos investigar também como se dá a aprendizagem da ortografia no ensino fundamental; conhecer as dificuldades encontradas pelas crianças na grafia correta das palavras; identificar os avanços dos discentes na aquisição da língua escrita por meio de práticas reflexivas. Para isso, intervimos no contexto escolar, e durante 13 dias realizamos atividades abordando a ortografia, com os discentes.

Através da pesquisa participante/atividades realizadas com os alunos constatamos que aprender ortografia é possível. O trabalho tornou-se exitoso pois foi desenvolvido na seguinte perspectiva: primeiro realizamos diagnóstico do nível das dificuldades dos alunos, depois de acordo com as dificuldades constatadas foram elaboradas as metas a serem alcançadas, por conseguinte fizemos a sistematização das atividades e por último a avaliação. Ficou claro que para a aprendizagem da ortografia ocorrer de fato o aluno deve estar informado sobre especificidades da norma ortografia (ou seja, que algumas palavras precisam de reflexão e outras precisam ser memorizadas). A reflexão é algo primordial, pois permite que os princípios gerativos sejam internalizados, e assim, o aluno escreve com segurança. Palavras sem princípios gerativos à criança deve saber que precisa memorizar e daí, o docente deve promover intencionalmente, sistematicamente e adequadamente a familiarização da criança com essas palavras.

Neste estudo, o trabalho com o lúdico facilitou muito a apropriação de conteúdo. O uso das dinâmicas, jogos, material concreto, premiação auxiliam o ensino. Dessa forma, houve motivação, estímulo e promoveu-se a aprendizagem de forma prazerosa.

O estudo realizado mostrou que a mediação pedagógica é um fator determinante para que a aprendizagem seja concretizada na criança. Porém não basta escolher bem a metodologia, é na exploração pedagógica feita pelo professor que se dá a aprendizagem. Se a mediação for feita de qualquer forma a aprendizagem tampouco será consolidada.

Dentre as dificuldades apresentadas pelas crianças na grafia correta das palavras percebemos que os casos de irregularidades é uma das dificuldades mais frequentes. As dúvidas em palavras que necessita de memorização estarão sempre presentes, pois como não tem um princípio gerativo que norteie a escrita, as dificuldades para escrevê-las serão maiores. O que vai exigir um trabalho mais intensificado do professor.

Com relação aos avanços dos discentes na aquisição da língua escrita constatamos que esse é um processo lento e que o acompanhamento do professor é um fator determinante nesse processo de aprendizagem. O ensino que é norteado por práticas reflexivas constrói uma aprendizagem sólida que permite o progresso dos aprendizes, isso foi constatado após analisarmos as atividades realizadas antes e depois do desenvolvimento das práticas reflexivas. A investigação mostrou que é possível aprender ortografia.

Além disso, para que os avanços se perpetuem é pertinente que nos casos mais difíceis de consolidar o aprendizado o professor deve persistir até que se perceba o progresso da criança, como realizamos durante a pesquisa participante a qual trabalhávamos os erros contatados sempre que eram cometidos pelos alunos.

Por conseguinte, inferimos que os desafios relacionados ao ensino e aprendizagem da ortografia no ensino fundamental são muitos, mas que são possíveis de serem superados. Entretanto, é preciso enfrentar os desafios pedagógicos buscando uma proposta metodológica que auxilie os aprendizes na construção de uma aprendizagem concreta.

## CONTRIBUIÇÕES AOS DOCENTES PARA O ENSINO DA ORTOGRAFIA

Na perspectiva de contribuir com a construção da escrita em conformidade com a norma padrão oferecemos aos docentes os seguintes subsídios:

- O professor deve organizar o ensino da ortografia com base nos casos regulares e irregulares da norma ortográfica;
- Os casos regulares e irregulares devem ser trabalhados em momentos distintos;
- Os casos regulares devem ser trabalhados por meio da reflexão e os irregulares pela memorização;
- O diagnóstico é determinante para compreendermos o que a criança necessita aprender;
- A projeção de metas ajuda na gestão da aprendizagem, ou seja, no acompanhamento do rendimento ortográfico dos alunos;
- A inovação pedagógica, intencionalmente selecionada, proporciona melhoria na ação educativa, de modo geral, e de modo particular na aprendizagem da ortografia;
- O professor deve ter competência pedagógica para desempenhar uma prática significativa;
- O uso de atividades lúdicas no ensino da ortografia impulsiona a criança a querer aprender de forma prazerosa;
- O dicionário deve ser usado como recurso metodológico no ensino da ortografia;
- Os professores devem dar atenção aos erros ortográficos dos alunos, pois eles revelam o que as crianças necessitam aprender;
- Ajudar o aluno a superar as dificuldades que os alunos encontram em cada nível de aprendizagem ajuda a evitar posteriormente grandes prejuízos;
- A mediação pedagógica é determinante no processo de ensino aprendizagem;

- As metodologias são fundamentais para a apropriação do conhecimento;
- Formação contínua dos professores para ajudar na exploração dos desafios da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA; CASTILHO, L.M; L. **A influência dos jogos e brincadeiras na aprendizagem da criança na educação infantil.** <<http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-dos-jogos-e-brincadeiras-na-aprendizagem-da-crianca-na-educacao-infantil/132782/>>. Acesso em: 19 de agosto de 2015.

ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. São Paulo. Ed. Moderna, 2012.

BRASIL. S. E. F. **Parâmetros curriculares nacionais: língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: 144p.

DIAS, A. I. **Ensino da linguagem no currículo.** Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, E. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.

INEP. **IDEB - Resultados e Metas.** Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=1295626>>. Acesso em: 07 julho 2015.

MAPURUNGA, V. S. O ensino de ortografia: um desafio que pode ser vencido. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, 2009.

MATOS, K. S. L. de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer.** Fortaleza: edições Demócrito Rocha. 2002.

MORAIS, A. O diagnóstico como instrumento para o planejamento do ensino de ortografia. In: SILVA, Alexsandro da; MORAIS, Artur Gomes de; MELO

Kátia Leal Reis de. (Orgs.). **Ortografia na sala de aula**. 1ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MORAIS, A. G. de. **Ortografia**: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2008.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer uma pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAULINA, I. **Cópia**: tempo perdido.

<<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/copia-tempo-perdido-didatica-alfabetizacao-leitura-producao-texto-529070.shtml>>.

Acesso em: 26 de outubro de 2015.

ROM, R.R.D. Aprendizagem mediada. **Revista Eletrônica de educação e tecnologia do SENAI-SP**, 2011.

SGARIONI, M. Novo acordo ortográfico: **mudanças no jeito de escrever**.

Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/novo-jeito-escrever-424059.shtml>>. Acesso em: 08 de julho 2015.

SILVA, A. da. **Ortografia na sala de aula**. In: Moraes, Artur Gomes de; Melo, Kátia Leal Reis; 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, da L. O ensino da língua e a metodologia: **A escola e a ação pedagógica do professor de língua nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Disponível em:

<<http://conhecimentopratico.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/42/artigo290485-1.asp>>. Acesso em: 24 de julho de 2015.

SILVA, A. DA; MORAIS, A. Ensinando ortografia na escola. In: SILVA, Alexsandro da; MORAIS, Artur Gomes de; MELO Kátia Leal Reis de. (Orgs.). **Ortografia na sala de aula**. 1ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.